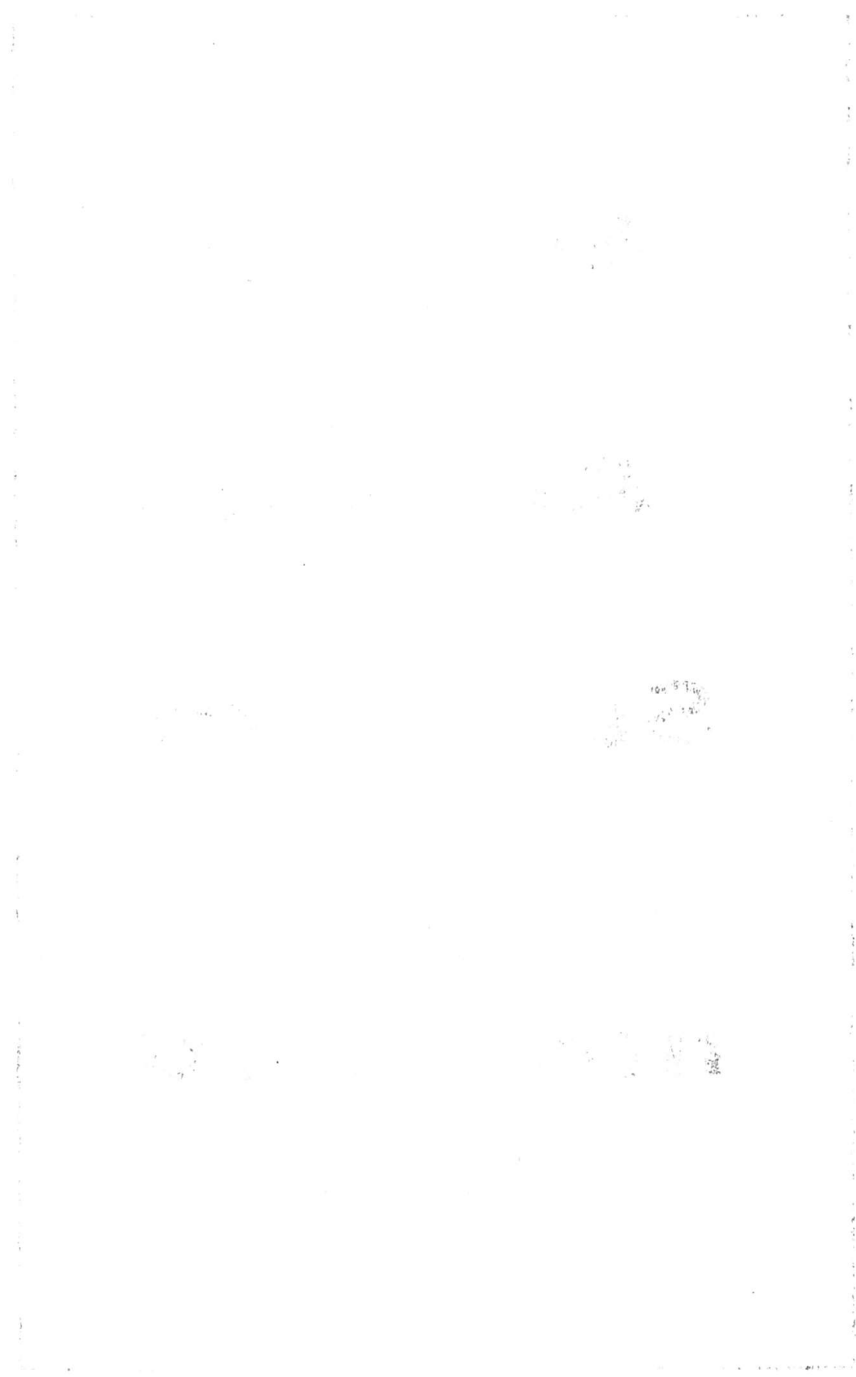


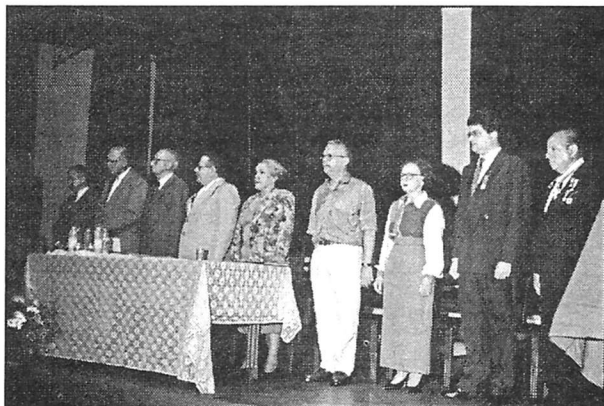
**Anuário
da
ACLCL**

**Setembro
1993
a
novembro
2000**



HISTÓRICO DA ACLCL

*Mesa de Honra,
na instalação
da ACLCL,
no Teatro
Municipal
Placidina de
Queirós,
a 18 de
setembro de 1993*



A Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette foi instalada a 18/09/1993, em sessão solene realizada no Teatro Municipal “Placidina de Queirós”, com a seguinte diretoria: presidente - Alberto Libânio Rodrigues; vice-presidente - Luiz Antônio da Paz; 1º secretário - Márcia Terezinha Carreira Rodrigues; 2º secretário - Paulo Roberto Antunes; 1º tesoureiro - Geraldo Augusto de Freitas; 2º tesoureiro - Aloísio do Carmo Elói. O Conselho Superior compunha-se dos seguintes acadêmicos: juiz federal e poeta Antônio Francisco Pereira (presidente), professora e poetisa Efigênia Chaves Janoni (secretária), advogado e jornalista Carlo José de Menezes, advogado e professor João Batista Ferreira Lima, advogado e escritor Márcio Verdolin Hudson, jornalista e escritor Benedicto Fernandes Carlos e escritor e advogado Edir Pires.

O evento integrou a programação oficial das comemorações do 203º aniversário da emancipação política do município. O presidente de honra da sessão foi o historiador Felon Ribeiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais que, na ACLCL, passou a ocupar a cadeira 9. Nessa sessão, foram aprovados os estatutos da entidade, que haviam sido elaborados por uma comissão formada por um grupo de 13 escritores e poetas, responsáveis pela organização e criação da entidade, sob a liderança do professor Alberto Libânio Rodrigues, idealizador do sodalício. A comissão organizadora dos atos constitutivos da ACLCL foi composta por Alberto Libânio Rodrigues, Antônio Francisco Pereira, Antônio Luiz Perdigão Batista, Benedicto Fernandes Carlos, Carlo José de Menezes, Carlos Elói Castro Trajano, Dimas da Anunciação Perrin, Felon Ribeiro, Geraldo Augusto de Freitas, Hortência Hudson Vilela, Márcio Verdolin Hudson e Zeni de Barros Lana.

Na instalação da ACLCL, foram empossados 65 acadêmicos, ficando vagas 35 cadeiras, do total de cem destinadas aos membros efetivos

fundadores. Posteriormente, foram empossados, em outras sessões festivas, realizadas em Lafaiete e Belo Horizonte, os ocupantes das cadeiras que se encontravam vagas.

Com os falecimentos de quatro membros efetivos fundadores (monsieur Hermenegildo Adami de Carvalho, em 06/07/1994, Walter Andrade de Souza, em 05/12/1994, padre José Vicente César, em 03/07/1995, Rita de Cássia de Andrade, em 23/02/98, Agostinho Campos Neto, em 8/09/98; Odilon do Amaral Bhering, em 11/01/2000, Geraldo Augusto de Freitas, em 6/05/2000 e o presidente-fundador, Alberto Libânio Rodrigues, em 13/10/2000; mais os desligamentos de alguns membros, aliados à transferência de outros para o quadro de membros eméritos, a ACLCL conta, hoje, com 90 cadeiras ocupadas e dez vagas. A exoneração de algum membro efetivo ou sua transferência para o quadro de membros eméritos se dá em virtude do descumprimento das cláusulas estatutárias que regulamentam os deveres e obrigações dos associados, principalmente no tocante ao recolhimento das contribuições sociais.

Homenagem especial

O primeiro membro efetivo a ser empossado na ACLCL, a 19/09/1993, foi a acadêmica Avelina Maria Noronha de Almeida, que, na ocasião, recebeu o título de “Madrinha dos Poetas Queluzianos e Lafaietenses”, representado por um diploma especial, que lhe foi entregue. Posteriormente, em março de 1999, Avelina recebeu, por deferência da Casa, o título de primeiro presidente emérito da entidade, que seria reservado somente aos ex-presidentes do sodalício.

O acadêmico Wilson Baêta de Assis, Diretor de Cultura do Município, foi empossado a 1º/03/1997, em sessão solene realizada na Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete, seguindo-se-lhe Pedro Paulo de Salles Dias, em 20/12/97, Ilmar Penna Linhares, em 23/04/98, José de Assis Silva, a 10/09/98, Ângela Togeiro Ferreira, Edézio Teixeira de Carvalho em 27/04/2000, Artur Laízo e Victor Menezes de Faria em 1º/07/2000. Dois outros acadêmicos já tiveram seus nomes aprovados para o quadro de efetivos, mas ainda não tomaram posse, sendo eles, o médico Aloísio da Silva e dom Geraldo Magela Reis.

De acordo com o artigo 11, para se candidatar a uma cadeira de membro-efetivo na ACLCL, o pretendente deverá apresentar-se à diretoria e à comissão seletiva, com a remessa de seu currículo, anexando, ao menos, três cópias de trabalhos de sua autoria, de boa qualidade literária, poética ou científica, avulsos ou não, publicados em livros, jornais ou revistas, com citação da fonte e data(s) da(s) publicação(es). Outra condição para ingresso no quadro de efetivos é a comprovação do nascimento do candidato em Lafaiete ou a de que aqui tenha residido. Para efeito de cumprimento dessa exigência, são considerados lafaietenses natos os artistas, poetas, escritores e outros intelectuais que tenham nascido em um dos antigos distritos ou

povoados pertencentes a Queluz ou Lafaiete. A ACLCL promove reuniões em sua sede e fora dela, inclusive em outras cidades, notadamente, neste caso, as sessões festivas, a exemplo de Belo Horizonte (BDMG e UVMG - União dos Varejistas de Minas Gerais) e em Capela Nova (esta, em 23/07/1994, pelo centenário de nascimento de Antônio da Costa César, patrono da cadeira 35 do nosso sodalício). A ACLCL já promoveu reuniões também em Juiz de Fora, Piranga, Itaúna e Congonhas, sendo que nestas três últimas amadrinhou ou está amadrinhando a criação de academias congêneres, a ela afiliadas. A ACLCL é entidade dinâmica, democrática e liberal, não estando atrelada a quaisquer correntes ou partidos políticos, e, dentro de seu espírito de independência, congrega pessoas de todas as correntes políticas e ideológicas. Além disso, onde existirem seis acadêmicos, ao menos, reunidos em qualquer cidade, independentemente da presença do presidente, eles poderão organizar uma sessão festiva da entidade, notadamente em eventos comemorativos de efemérides. E em qualquer acontecimento onde houver um ou mais acadêmicos presente(s), este(s) é(são) representante(s) nato(s) da ACLCL, e assim deve(m) se registrar e se anunciar nos protocolos dos eventos, com ou sem a presença do presidente da entidade. A ACLCL é uma entidade democrática, em que todas as deliberações mais importantes são tomadas com o ad referendum das assembléias gerais ordinárias, que reúnem a diretoria executiva e o conselho superior, e que são realizadas nos primeiros sábados de cada mês, às 16 horas, na Casa de Cultura “Gabriela Mendonça”, onde a entidade possui sua sede. As deliberações administrativas, afetas à diretoria executiva são tomadas nas reuniões de trabalho (plenárias) realizadas nos terceiros sábados de cada mês, também às 16 horas, no mesmo local. A sede da ACLCL abriga uma pequena biblioteca, contendo, principalmente, trabalhos dos acadêmicos e de seus patronos. Também na sala-sede da entidade estão o arquivo com as pastas dos acadêmicos e a galeria de fotos dos patronos das cadeiras, ainda em fase de montagem, tendo em vista que alguns membros ainda estão preparando as fotografias e os quadros. A ACLCL, com suas cem cadeiras, baseia-se no modelo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e entidades congêneres, do Brasil e do exterior. Já as Academias Brasileira e Mineira de Letras, seguem o modelo da Academia Francesa, com 40 cadeiras.

Dentro de seus objetivos estatutários, a entidade desenvolve um vasto leque de atividades em diversos setores da ação humana, notadamente nos campos relacionados às artes, ciências e letras, genealogia, preservação do patrimônio histórico, concursos literários, debates culturais, palestras em escolas, feiras e exposições de livros, artes plásticas, artesanato e outros eventos educacionais e culturais, conforme se pode ver pela seção efemérides, mais à frente. Para tanto, optou-se pela formação da entidade com maior número de cadeiras, a fim de que ela não fique limitada - como algumas academias de letras tradicionais, às vezes empedernidas e estanques - só às ações de escritores e poetas, mas que possa ampliar sua dinâmica

e seu leque de atuação, congregando também outros intelectuais, técnicos, músicos e artistas plásticos, entre outros.

Após a criação da entidade, diversos talentos que viviam no anonimato foram sendo descobertos, aos poucos, muitos dos quais se sentiram motivados a editarem suas obras através de publicações independentes ou nas antologias, produzidas pela editora do presidente da ACLCL (o CMC - Consórcio Mineiro de Comunicação, sediado em BH), que hoje reúnem autores do Brasil inteiro, promovendo, junto, o nome da cidade. Para se medir a importância de uma academia de letras como a ACLCL, basta lembrar que, antes da criação da mesma, em 300 anos de história, desde o início da colonização de nossa terra, em 1694), não haviam sido editadas, aqui, mais do que seis obras de autores da cidade. De 1993 para cá, por influência direta ou indireta da ACLCL, ou com o apoio efetivo da entidade, foram lançadas quase 40 obras de autores novos, ao lado de alguns já consagrados. E, em função dos concursos literários promovidos pela entidade, em âmbito nacional, ao lado do intercâmbio cultural com entidades co-irmãs, deste e de outros Estados, a ACLCL passou a ser conhecida nacionalmente, como um importante celeiro de cultura.

ACLCL foi fundada no governo do então prefeito Carlos Alberto Gomes Beato, que apoiou, inclusive, a edição de duas antologias e outras obras lançadas pela entidade, além da edição dos três primeiros concursos literários oficiais do município, de âmbito nacional (1994/95/96), destinando prêmios em dinheiro para os vencedores. Apoiou, também, a primeira edição dos Jogos Florais de Conselheiro Lafaiete, realizada pela seção local da UBT - União Brasileira de Trovadores, que funciona anexa à sede da ACLCL, e que é mantida com o apoio desta entidade.

O atual prefeito, Vicente de Faria Paiva, também vem concedendo grande incentivo ao funcionamento da ACLCL, através do diretor de Cultura do Município, acadêmico Wilson Baêta de Assis, que é, também, presidente da UBT Lafaiete.

União Brasileira de Trovadores - filha e irmã da ACLCL

A primeira diretoria da UBT Lafaiete esteve assim formada: presidente - Mauro Barbosa Armond; secretário - Alberto Libânio Rodrigues; vice-presidente administrativo - Elias de Lima; vice-presidente de finanças - Alex Assis Milagre; vice-presidente de cultura - Juarez Guimarães Dias; vice-presidente de relações públicas - Márcia Terezinha Carreira Rodrigues; suplente de vice - Marina Biagioni Marques; Conselho Municipal - efetivos: Lucy de Assis Silva, Leila Maria Silva Barbosa, Lêda Maria Augusta Vieira de Faria; suplentes: Nathércia Mendes, Geralda Meirelles Ribeiro, Geraldina Ramos; diretores colaboradores - Avelina Maria Noronha de Almeida, Marília Batista Albuquerque, Marília Perdigão, Maria do Carmo Baptista Ferreira Costa, Antônio de Freitas Ribeiro, Odete do Amaral Costa, Maria Helena Brandão de Avelar, Gilberto Victorino de Souza, Carlos Reinaldo de Souza e

José Martins Laporte.

Depois, com o pedido de afastamento do presidente, médico Mauro Armond, assumiu o vice-presidente administrativo, médico Elias de Lima. Em 03/05/1997, a entidade passou a ser comandada pelo atual presidente, Wilson Baêta de Assis, eleito por aclamação, juntamente com a nova diretoria, que ficou assim constituída: presidente - Wilson Baêta de Assis; secretário - Edson Condé; vice-presidente administrativo - Elias de Lima; vice-presidente de finanças - Alex Assis Milagre; vice-presidente de cultura - Carlos Reinaldo de Souza; vice-presidente de relações públicas - Alberto Libânio Rodrigues; suplente de vice - Marina Biagioni Marques; Conselho Municipal - efetivos: Lucy de Assis Silva, Leila Maria Silva Barbosa, Lêda Maria Augusta Vieira de Faria; suplentes: Antônio de Freitas Ribeiro, Geralda Meirelles Ribeiro, Geraldina Ramos; diretores colaboradores: Avelina Maria Noronha de Almeida, Marília Perdigão, Maria do Carmo Baptista Ferreira Costa, Odete do Amaral Costa, Maria Helena Brandão de Avelar e Gilberto Victorino de Souza.

BH e Lafaiete

Além de sua sede em Lafaiete, na Casa de Cultura (Rua Comendador Baêta Neves, 68), diversos assuntos de interesse da entidade são atendidos também no escritório na Rua Cel. Licínio Dutra, 22- tel. (031)3761-2439, onde é editada a home-page Lafaiete Hoje, que é colocada graciosamente à disposição da ACLCL, para a divulgação de suas atividades, debates acadêmicos e matérias de interesse educacional, como história, genealogia, poesias etc. O acadêmico Wilson Baêta de Assis, diretor de Cultura do Município, atende no tel. 769-2600 aos assuntos de interesse da entidade. Além disso, a ACLCL possui um escritório em Belo Horizonte, anexo à UVMG - União dos Varejistas de Minas Gerais, que funciona como importante ponto de apoio para as reuniões da entidade na Capital e outros eventos, bem como sua divulgação na grande imprensa, além de ser local de encontro dos lafaietenses que residem em Belo Horizonte.

Objetivos da ACLCL

De acordo com os Estatutos, os objetivos da ACLCL são: promover e difundir as ciências humanas, letras e artes; - editar, por conta própria ou de terceiros, livros, jornais e revistas, de cunho literário, cultural ou científico, com prioridade para os trabalhos dos sócios da entidade; - promover reuniões e eventos lítero-musicais, seminários e encontros nas áreas pertinentes às suas atividades; - exposições de arte (pintura, escultura, fotos etc.); - feiras de livros e discos, novos e usados; - incentivar e colaborar, na medida do possível, com o incremento ao teatro, música, jograis e outras atividades afins; - promover cursos e concursos literários; - colaborar com todos os esforços particulares e oficiais que visem ao aperfeiçoamento constante do nosso idioma; - apoiar as manifestações culturais de Lafaiete e de outros

municípios, que envolvam os interesses dos sócios da entidade nas cidades em que eles estejam residindo; - manter intercâmbio cultural com entidades congêneres; - promover o intercâmbio sócio-cultural entre lafaietenses e amigos da cidade; - outras atividades literárias e culturais; - prestar, sempre que possível, assistência social aos familiares e parentes dos sócios.

Categorias de sócios

Classes de sócios da entidade: **efetivos-fundadores**, assim considerados os cem primeiros acadêmicos que tiveram seus nomes aprovados para a ACLCL, os quais, como primeiros ocupantes das cadeiras, são os fundadores das mesmas; **efetivos**, são os sucessores dos membros-fundadores e não receberão os títulos de membros efetivos fundadores, mas sim de membros efetivos. Outro quadro de sócios é o de membros eméritos, categoria formada por membros-fundadores e efetivos que, impossibilitados de continuarem cumprindo suas obrigações estatutárias, manifestarem o desejo de mudar para essa classe, podendo essa mudança ser determinada pela assembléia.

O diploma de membro emérito é outorgado, também, a título de homenagem, para intelectuais e artistas, escolhidos como colaboradores dos comitês de trabalho (que são mistos, ou seja, formados por membros efetivos e eméritos) e também por integrantes das comissões julgadoras dos concursos promovidos pela ACLCL. E mais: presidentes e membros de instituições co-irmãs, poetas e escritores classificados nos primeiros lugares dos concursos da ACLCL e, ainda, comunicadores, educadores, pesquisadores de história e genealogia e outros profissionais ligados às humanidades, com militância nas letras, ciências e artes, cujos nomes sejam indicados por membros efetivos da ACLCL, com o *ad referendum* da plenária. Há, ainda, os quadros de sócios honorários e beneméritos, formados pelas pessoas que colaboram com a manutenção da entidade ou que lhe prestam relevantes serviços.

Todos os sócios podem participar das reuniões da ACLCL, com direito a voz, principalmente para apresentação de sugestões, visando ao melhor desempenho da entidade. O direito de votar e ser votado é exclusivo dos sócios efetivos, desde que no pleno gozo dos seus direitos estatutários.

O membro efetivo da ACLCL, para ser empossado, faz seu juramento de posse e assina o termo respectivo, após o que recebe seu diploma e a pelerine (espécie de meia capa, que substitui o tradicional fardão), na cor azul-marinho, que é a cor da entidade, trazendo a logomarca da ACLCL do lado esquerdo, em um escudo dourado. A pelerine é fechada, no peito, por cordões (ou alamares) também dourados.

Armas e símbolos da ACLCL

A logomarca da ACLCL é montada sobre um escudo de armas, em dourado, apoiado em dois machados, que representam a força e o vigor da

cultura - que vale mais que o ouro. O fundo azul-marinho simboliza a sobriedade de que se deve revestir a palavra escrita, dentro do princípio de que *verbo volant, scripta manent* (as palavras voam e os escritos ficam). No escudo, há um livro, aberto, com mão sobre ele, registrando para a posteridade e para a imortalidade as obras dos acadêmicos e de seus patronos. A bandeira traz esse mesmo escudo, sobre um campo azul-marinho, o qual é cortado obliquamente ao meio, por três faixas, nas cores da bandeira do município.

Culto ao passado

Além de se preocupar com a preservação do patrimônio histórico do município, ao lado de suas múltiplas atividades nas artes, letras e ciências, a ACLCL desenvolve pesquisas genealógicas e históricas sobre as vidas dos grandes vultos do passado, notadamente de artistas, educadores e intelectuais, muitos dos quais são imortalizados como patronos das cadeiras da entidade.

Projetos

Um dos grandes projetos da entidade é editar, ainda em 2000, o Dicionário Biográfico dos Acadêmicos e Patronos da ACLCL e intensificar a integração da entidade com as escolas do município, através de palestras que os acadêmicos levam aos educandários, juntamente com a projetada criação da Academia Estudantil de Artes Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, integrada por estudantes do primeiro e segundo grau, visando valorizar os melhores alunos e à formação de futuros acadêmicos-efetivos para a entidade-mãe, além de a constituir importante atividade curricular ou extracurricular, tendo em vista os temas transversais estabelecidos pela nova lei do ensino.

HINO DA ACLCL

*(Incorporado, com adaptações, ao poema
Queluztadas, de Alberto Libânio)*

Ó glorioso Centro do Saber
Que arrebanha os mais nobres poetas,
Literatos, cientistas e estetas,
Todos têm na cultura seu prazer.

É um sodalício de muito valor
Forte expressão da arte e do primor
Que vem levar o nome da cidade,
Às glórias do infinito, sem vaidade.

ESTRIBILHO

No aniversário desta Lafaiete,
Inauguramos nossa Academia
Que para todos o refrão repete:
Nós somos da Cultura a força e o guia!

ESTRIBILHO (repetir)

São cem cadeiras, imortalizando
Os grandes vultos que teve a cidade
Suas idéias obras e comando
Deixaram-nos lições de fé e bondade.

EFEMÉRIDES DA ACLCL

Período de dezembro de 1999 a novembro de 2000

Dezembro de 1999

19 - Reunião festiva no salão nobre da Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete, para os lançamentos da Antologia Lafaiete em Prosa e Verso V, e do livro Obrigado, Doutor, do acadêmico médico Pedro Paulo de Salles Dias; posse da escritora Ângela Togeiro Ferreira, que passou a ocupar a cadeira número 94, que tem como patrono o advogado, jornalista e poeta Ildelfonso Castilho Lisboa; e homenagens póstumas aos membros da ACLCL, dr. Agostinho Campos Neto, ex-ocupante da cadeira 15, que tem como patrono o desembargador José Maria de Lima Torres; e ao teatrólogo Antônio Egydio de Lima, patrono da cadeira 92, que tem como ocupante o acadêmico e radialista Olimar Flores.

Janeiro de 2000

11 - Falecimento do acadêmico e ex-vereador, dr. Odilon do Amaral Bhering, sendo velado na Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete. Foi aprovado voto de pesar para constar nos anais da ACLCL.

31 - Lançamento, em Belo Horizonte, do Guia Prático de Medicamentos, sendo integrantes do Conselho Técnico Científico, entre outros profissionais, os acadêmicos médicos Carlos Reinaldo de Souza e Mauro Barbosa Armond.

Observação: neste mês, houve recesso das atividades associativas da ACLCL, não ocorrendo as reuniões ordinárias.

19 - Primeira reunião ordinária da diretoria executiva. O presidente Alberto Libânio Rodrigues apresentou o projeto da Antologia Lafaiete em Prosa e Verso VI, e conclamou os acadêmicos a participarem de mais esta obra, que tem o apoio da ACLCL. Também foi editado o Boletim Informativo, com oito páginas, contendo matérias de interesse para os acadêmicos. A poetisa Elizabeth Rennó, membro emérito da ACLCL, tomou posse como presidente da Academia Feminina de Letras.

25 - Instalação solene da Academia de Ciências, Letras e Artes de Congonhas, criada sob os auspícios da ACLCL, tendo como primeiro presidente eleito o poeta Aguiinaldo Tadeu Gomes.

26 - Reunião para entrega de troféus e diplomas do Concurso Literário Cidade de Conselheiro Lafaiete, versão 1999. Mudança do regulamento ampliou a abrangência do concurso para 2000, que passará a ter níveis nacional e internacional, com participação de países de língua portuguesa.

Abril de 2000

01 - Efetivação do Movimento Literário Caravela, idealizado pelos acadêmicos Avelina Noronha de Almeida e Carlo Menezes, com apoio da ACLCL. Incentivo à criação de academias de letras e artes em todos os níveis do ensino, em nossa região, a partir de visitas dos acadêmicos às escolas.

23 - O presidente da ACLCL, prof. Alberto Libânio Rodrigues, recebeu

a Medalha da Inconfidência, em Ouro Preto, das mãos do jornalista Ângelo Oswaldo, Secretário de Estado da Cultura. A indicação de seu nome foi feita pelo presidente da Academia Mineira de Letras, escritor e historiador Vivaldi Moreira. A ACLCL sugeriu a criação da Academia de Ciências, Letras e Artes de Ouro Preto, e oficializou seu apoio a esta iniciativa.

Maio de 2000

06 - Iniciadas ações visando à participação da ACLCL nas comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, e da inserção de Lafaiete no roteiro turístico do Estado, no trajeto da antiga Estrada Real. Apoio à indicação do prof. José Elias Murad para a Secretaria Nacional Ante Drogas.

07 - Faleceu o acadêmico e ex-vereador Geraldo Augusto de Freitas, velado na Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete. Voto de pesar foi aprovado para constar nos anais da ACLCL.

20 - O presidente Alberto Libânio comunicou sua participação no lançamento do livro "O Que Mamãe me Contou", da escritora Maria Lafayette de Andrade Ibraim, da Academia Mineira de Letras.

29 - Diversos acadêmicos, inclusive o presidente da ACLCL, participaram da inauguração do Centro Cultural Maria Andrade Rezende, que abriga a Biblioteca Municipal, o Memorial do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira e o Museu Ferroviário.

Junho de 2000

17 - Circulou uma edição extra do Jornal Panorama Cultural, que contou com o apoio cultural de alguns empresários, e dos deputados Eliseu Rezende e José Milton Rocha.

24 - Uma comitiva da ACLCL, inclusive o presidente, prestigiou o acadêmico e médico Pedro Paulo de Salles Dias que, merecidamente, recebeu o título de Cidadão Honorário de Pequi-MG, cidade onde iniciou sua carreira médica

Julho de 2000

01 - Sessão solene de posse dos novos acadêmicos, Victor Menezes de Faria e Artur Laízo, no plenário da Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete. Concomitante lançamento de duas novas obras literárias: a primeira, do escritor lafaietense Reuber Lana Antoniazzi, "Contos e Causos de Lafaiete & Amigos", e a segunda, do acadêmico e escritor lafaietense, Gilberto Victorino de Souza, "Recordar é Viver", volume II.

28 - O presidente da ACLCL, prof. Alberto Libânio, visitou o parque temático da cidade de Esmeraldas, local de lazer e cultura. Este parque, com área física de 32 quilômetros quadrados, recebeu o nome regional de "Terra do Saber". Foi sugerida e aprovada a assinatura de um futuro convênio entre a administradora do parque e nossa Academia, visando a um intercâmbio sócio cultural. Início de estudos, visando à nova diretoria da UBT - União Brasileiro de Trovadores, regional de Conselheiro Lafaiete.

Setembro de 2000

3 - Votos de congratulações ao acadêmico e escritor Aluísio Santiago Júnior, pelo segundo lugar no Concurso Internacional Cidade de Belo Horizonte, com o romance “Enquanto seu Lobo não Vem”, obra que conseguiu o primeiro lugar no Concurso Literário Cidade de Conselheiro Lafaiete. Foram indicados, pelos acadêmicos, diversas personalidades que devem receber os diplomas da “Ordem Construtores do Progresso de Lafaiete”, bem como as homenagens “post mortem”, versão 2000. Os respectivos diplomas seriam entregues aos agraciados no salão nobre da Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete, no dia 07/10/2000. Naquela data seria lançado, oficialmente, o livro de reminiscências da acadêmica e escritora Lucy de Assis Silva, “Se Esta Rua Fosse Minha”.

23 - Baile das Bandeiras, promovido pelo museólogo e acadêmico Antônio Perdigão, na Sociedade Musical Santa Cecília, comemorando os 210 anos de emancipação política de nossa cidade. Durante o evento, o acadêmico Paulo Roberto Antunes homenageou a ACLCL pelos sete anos de lutas e vitórias. Estiveram presentes diversos acadêmicos, inclusive o presidente Alberto Libânio, sua esposa Cleonice Martins, diversos acadêmicos, além de visitantes procedentes de Belo Horizonte e outras cidades da região.

28 - Nesta data é internado no Hospital São Lucas, Belo Horizonte, em estado grave, o presidente da ACLCL, prof. Alberto Libânio Rodrigues.

Outubro de 2000

03 - Em reunião extraordinária da diretoria executiva, realizada na Casa de Cultura Gabriella Mendonça, regimentalmente convocada pelo vice-presidente, acadêmico Carlos Reinaldo de Souza, os membros presentes decidiram, por unanimidade, pelo adiamento, sine die, de todas as atividades da ACLCL.

07 - Data prevista para a reunião festiva, comemorando o sétimo aniversário da ACLCL, e entrega dos diplomas às pessoas que ajudaram ou ainda ajudam a construir o progresso de Lafaiete. Nesta mesma data, seria lançado o segundo livro da acadêmica e escritora Lucy de Assis Silva. A solenidade foi adiada por falta de condições emocionais dos acadêmicos, considerando a gravidade da doença que vitimou o presidente da ACLCL.

13 - Faleceu, no Centro de Tratamento Intensivo do Hospital São Lucas, o idealizador, fundador e primeiro presidente da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, professor Alberto Libânio Rodrigues. A ACLCL se cobriu de luto. Lafaiete e Minas Gerais perderam um dos maiores paladinos da cultura, das artes e do patrimônio histórico.

19 - Missa de sétimo dia, oficiada pelo pe. Hermano José Ferreira, na igreja de São Sebastião, às 18h30, presentes a esposa, Cleonice, os filhos Juninho, Viena e Spartakós, acadêmicos, amigos e familiares. Ao término da missa, a cantora Mary Luce e Viena, filha de Libânio, o homenagearam com a arte que ele tanto amou e da qual foi, também, um mestre: a música.

28 - Os organizadores do evento “Personalidades 2000”, realizado no salão da Sociedade Musical Santa Cecília, prestaram significativa homenagem ao ex-presidente da ACLCL, entregando à sua esposa, sra. Cleonice Martins,

um cartão placa de prata com os seguintes dizeres: "Para Alberto Libânio (in memoriam), como gratidão e admiração pelo trabalho realizado por Lafaiete. Troféu "Performance Profissional". Os organizadores.



Sra. Cleonice Libânio, acompanhada de sua filha Viena, recebendo cartão de prata das mãos do acadêmico Carlos Reinaldo de Souza, homenagem póstuma prestada pelos organizadores do evento "Performance Profissional do Ano" ao ex-presidente da ACLCL, prof. Alberto Libânio Rodrigues, em 28/10/2000

Novembro de 2000

11 - Primeira reunião ordinária da diretoria executiva da ACLCL, após a morte do seu presidente. Ao iniciá-la, o presidente em exercício, acadêmico Carlos Reinaldo de Souza, pediu um minuto de silêncio, reverenciando a memória daquele que idealizou e construiu, pedra sobre pedra, a Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafaiete.

12 - Missa pela intenção do ex-presidente da ACLCL, oficiada pelo pe. Paulo Moreira, na igreja de Nossa Senhora de Lourdes, às 19 horas, presentes familiares, amigos e acadêmicos.

19 - A Comissão de Eventos e Ação Social da ACLCL decidiu que a entrega dos troféus aos vencedores do "Concurso Literário Cidade de Conselheiro Lafaiete", bem como aos agraciados com os troféus e diplomas da "Ordem Construtores do Progresso de Lafaiete" será realizada no dia 17/12/2000, de 18 às 23 horas, na Sociedade Musical Santa Cecília. Na mesma data e horário, será lançada a Antologia Lafaiete em Prosa e Verso VI, e será feita uma homenagem singela da ACLCL ao ex-presidente Libânio.

O presidente da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafaiete, usando das atribuições que lhe conferem os estatutos da entidade, ouvido o Conselho Superior,

CONSIDERANDO a necessidade de normatizar a concessão do Diploma da Ordem Construtores do Progresso de Conselheiro Lafaiete,

RESOLVE tornar nulas as deliberações anteriores a esta data, no tocante à outorga dessa láurea, passando a prevalecer, a partir de 1999, as seguintes condições:

I - Os diplomas serão conferidos a pessoas residentes em Conselheiro Lafaiete (ou em outras cidades), que estejam atuando - ou que tenham atuado -, com grande destaque, em atividades e serviços em favor dos interesses deste Município;

II - Os diplomas serão outorgados a pessoas, entidades ou empresas que, de fato, estejam colaborando - ou tenham colaborado -, com seu trabalho e/ou apoio para o engrandecimento do Município e da sociedade lafaietense, no seu todo, nos diversos campos da ação humana;

III - Os nomes dos homenageados serão indicados pelos membros efetivos da ACLCL, por escrito, até o primeiro sábado do mês de setembro de cada ano, a fim de que as homenagens possam ser prestadas em solenidade aberta ao público, por ocasião do aniversário da cidade e da ACLCL, no dia 19 de setembro, ou em outra data deste mesmo mês;

IV - Cada indicação deverá ser acompanhada da justificativa e do breve perfil ou referência sobre os méritos do homenageado, a partir do que serão laureados os que mais votos receberem e/ou os que se enquadrarem perfeitamente no espírito que norteou a criação dessa láurea;

V - Cada acadêmico, no pleno gozo de seus direitos estatutários, deverá votar em, apenas, um nome de pessoa viva ou falecida, entidade ou empresa, em cada uma das áreas a seguir relacionadas, podendo, entretanto, abster-se de votar em representantes de todos os dez segmentos, que são:

1 - Poder Público (abrangendo servidor do Executivo, Legislativo ou Judiciário do Município); 2 - Ciências Biológicas (profissionais das áreas médica e paramédica, inclusive de hospitais, clínicas e planos de saúde); 3 - Ciências Sociais (envolvendo a assistência social, a filantropia, o direito e as Humanidades); 4 - Comunicação Social (imprensa falada, escrita e televisada); 5 - Ciências Exatas (matemática, física, química, contabilidade, administração de empresas, economia etc); 6 - Educação (ensino regular ou intensivo, oficial ou particular) 7 - Cultura; 8 - Esportes/Lazer/Turismo; 9 - Indústria e Comércio (incluindo a prestação de serviços, o artesanato e as atividades agropecuárias); 10 - Homenagens Especiais (destinadas àqueles profissionais, entidades ou empresas que não se enquadrarem em qualquer das nove categorias anteriores).

VI - Os diplomas serão outorgados a profissionais de todas as classes, independentemente de seus níveis hierárquicos.

Conselheiro Lafaiete, 21 de agosto de 1999. - P.R.I.

Alberto Libânio Rodrigues - (in memorian) - Presidente da ACLCL

MODIFICAÇÃO NOS ESTATUTOS DA ACLCL

Atendendo sugestão do presidente e membros do Conselho Superior da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, foi votada, na Assembléia Geral Extraordinária, de 25 de setembro, a proposta de modificação dos Estatutos, precisamente nos artigos sexto e sétimo.

A proposta visava possibilitar, como, de fato, possibilitou, a reeleição automática dos presidentes do Conselho Superior e da Diretoria-Executiva da entidade, em todos os pleitos em que não houver registro de qualquer chapa concorrente. Quando não ocorrer o registro de chapa concorrente, os presidentes dos dois órgãos, que estiverem no comando da entidade, poderão, se assim o desejarem, ser reeleitos por aclamação, e, nos mandatos subsequentes, disputar novos pleitos, concorrendo em igualdade de condições com as demais chapas que se apresentarem.

Conforme convocação veiculada no boletim de agosto da ACLCL, havia expirado, a 31/08/99, o prazo para a inscrição das chapas concorrentes às eleições do Conselho Superior e da Diretoria-Executiva, para o mandato que vai de setembro de 1999 a setembro de 2002.

Diante da não-inscrição de nenhuma chapa concorrente até aquela data, o Conselho Superior resolveu propor a modificação em tela, entendendo, a priori, que a não-apresentação de qualquer outra chapa implica a aceitação e o reconhecimento tácitos dos méritos do trabalho dos acadêmicos que se encontram no comando da entidade. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, foi proposto que, no caso da reeleição automática dos presidentes do Conselho Superior e da Diretoria-Executiva, os mesmos tivessem seus nomes referendados por aclamação, em assembléia geral extraordinária, dispensando-se o processo eleitoral convencional. E mais, que fossem reeleitos apenas os dois presidentes, com poderes para, eles mesmos, escolherem os demais componentes dos dois órgãos, cujos nomes seriam apontados entre os acadêmicos que estejam em pleno gozo dos seus direitos estatutários e entre os mais frequentes às reuniões. Essa reeleição automática somente não se concretizará na hipótese de o presidente de um ou de outro órgão não desejar permanecer no cargo. Sendo assim, terá que ser aberto novo prazo para a inscrição de chapas do Conselho Superior ou da Diretoria- Executiva, conforme o caso.

Isso posto, a proposta de modificação dos Estatutos da ACLCL, que foi aprovada por unanimidade, se resumiu a:

O artigo sexto, onde se lia:

Os membros do primeiro Conselho Superior da ACLCL e os da primeira Diretoria-Executiva serão eleitos por aclamação, para um mandato inicial de três anos, escolhidos, todos eles, entre os idealizadores e os fundadores da entidade, podendo ser reeleitos, também por aclamação, por mais três anos, considerando esse período inicial de dois mandatos

consecutivos ser conveniente para a implantação e consolidação da ACLCL.

Foi modificado para: Os membros do primeiro Conselho Superior e da primeira Diretoria Executiva serão eleitos por aclamação, para os dois primeiros mandatos consecutivos, escolhidos entre os membros fundadores da entidade; e poderão se recandidatar em mandatos sucessivos e em novas chapas, se assim o desejarem, mediante a inscrição das mesmas na sede da entidade, até 15 (quinze dias) dias antes da realização do pleito eleitoral, sendo que o mesmo procedimento e prazo deverão ser obedecidos pela(s) outra(s) chapa(s) concorrente(s).

PARÁGRAFO PRIMEIRO - No caso da não-apresentação de qualquer chapa concorrente no prazo hábil, os presidentes do Conselho Superior e da Diretoria-Executiva estarão automaticamente reeleitos, por aclamação, com o ad referendum da assembléia geral extraordinária, a ser convocada especialmente para esse fim.

PARÁGRAFO SEGUNDO - Se o presidente de um ou de outro órgão não desejar permanecer no cargo, ficará prorrogado por 30 dias o mandato do Conselho Superior e da Diretoria-Executiva e será aberto novo prazo de 15 (quinze) dias para que nova(s) chapa(s) se habilitem ao pleito.

ARTIGO SÉTIMO - Onde se lia - O Conselho Superior e a Diretoria-Executiva, após estes dois primeiros mandatos por aclamação, terão suas vagas preenchidas para novos mandatos de três anos, através de eleição direta e secreta, realizada entre os membros da entidade, no pleno gozo de seus direitos, sendo considerados eleitos os candidatos da chapa que obtiver a maioria simples dos votos válidos;

PARÁGRAFO PRIMEIRO - Fica vedada a reeleição dos futuros membros do Conselho Superior e da Diretoria-Executiva, nas mesmas chapas originais, por mais de dois mandatos consecutivos, incluindo-se este primeiro mandato por aclamação;

PARÁGRAFO SEGUNDO - Um membro do Conselho Superior poderá, entretanto, se recandidatar como membro da Diretoria-Executiva e vice-versa;

Será modificado para: Sempre que houver mais de uma chapa disputando as eleições, será adotado o processo tradicional de eleição direta e secreta, podendo votar e ser votados apenas os membros da entidade que estejam no pleno gozo dos seus direitos e que atendam, também, ao que preceitua o artigo 10 e seus parágrafos, sendo considerados eleitos os candidatos que obtiverem a maioria simples dos votos.

Ficam suprimidos os parágrafos Primeiro e Segundo do Artigo Sétimo. Os nomes dos membros da diretoria e conselho superior vão publicados na notícia do verso.

MANIFESTO DO MOVIMENTO LITERÁRIO CARAVELA

(de 19 de dezembro de 1998)

Um projeto da ACLCL, pela valorização do talento mineiro nas letras. Numa homenagem às nossas raízes lingüísticas, iniciemos com Camões:
*“Todo o mundo é composto de mudanças,
Tomando sempre novas qualidades”.*

Os antigos, quando se faziam ao mar, usavam duas navegações: a primeira, velas ao vento, quando estes eram favoráveis ao rumo almejado. Porém, às vezes, a calmaria paralisava as embarcações, e era preciso mudar para a segunda navegação, não mais ao sabor das forças naturais, mas ao comando de uma nova força, planejada e consciente, que pegava em remos e passava a conduzir as naus. Estamos vivendo, em Minas Gerais, um quadro semelhante de desafio. Em alguns lugares ou momentos, ocorre um verdadeiro renascimento literário.

Verifica-se, entretanto, que são ventos esparsos e inconstantes, embora fortes, que o impulsionam, porém insuficientes para se alcançar a amplitude de desenvolvimento desejado. Isso acontece, também, no setor educacional. Há livros didáticos excelentes; no estudo da Literatura do Século XX, todavia, cristalizam-se, entra ano, sai ano, em nomes justamente consagrados (não o podemos negar), mas existem lacunas imperdoáveis. Nomes de escritores mineiros têm sido pouco focalizados: Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Murilo Mendes e alguns mais. Onde estão Murilo Rubião, Fernando Sabino, Emílio Moura, Vivaldi Moreira, Djalma Andrade, Adélia Prado, Roberto Drummond e tantos outros de valor incontestável?

Além disso, na maioria das vezes, o contato dos estudantes com importantes obras é feito através de trechos escolhidos e resumos que, se dão uma visão necessária de conjunto do panorama literário, em alguns casos, não devem ser utilizados tão amplamente e da forma como está sendo feito, pois os leitores não têm o prazer incomensurável do convívio mais íntimo com a alma dos livros. Outra falha a se observar é o quase geral desconhecimento a respeito das principais entidades literárias e de seu trabalho. Assim, chegamos à conclusão: mister se faz tomar os remos, usar a Segunda Navegação neste momento de riqueza literária, porém de inquietude, contradições e rumos pouco definidos, para, mais adiante dessas ilhas esparsas, alcançarmos as costas de inteiro e profícuo continente.

Este é o objetivo do MOVIMENTO LITERÁRIO CARAVELA!

Por que o nome CARAVELA? Porque assim eram denominadas as embarcações que trouxeram os nossos descobridores, há quase 500 anos, e um dos objetivos do movimento é descobrir novos valores. Quando os ventos forem favoráveis, deixaremos inflar as velas, mas, se necessário, como nas embarcações mais antigas, os remos cortarão as águas. É o que

pede a hora presente.

É bom esclarecer que não se trata de um movimento de ruptura com os padrões atuais. Nosso intuito é a convivência harmoniosa de estéticas diversas. É um ecletismo saudável, um respeito à identidade de cada um ou de cada grupo. Queremos preservar o que está bem, acrescentando-lhe novas idéias, novas atitudes, novos comportamentos. Será a nossa modesta contribuição ao somatório de idéias e ações que arquitetam a marcha da civilização através dos tempos. Não se trata de arroubo momentâneo. É reflexão amadurecida. E quais são os nossos principais objetivos?

Em primeiro lugar, ampliar o conhecimento da galáxia de Gutemberg, dando ênfase à intimidade com a nossa literatura regional, com a alma mineira, tão ampla e eclética em suas manifestações e que em si condensa, com brilho, a alma do mundo inteiro. Para tanto, conclamamos as entidades literárias, órgãos educacionais de Minas Gerais e parlamentares para que possamos desenvolver estratégias e ações conjuntas como:

- estudar o conteúdo da história da Literatura Contemporânea, objetivando acréscimos;
- analisar criticamente os currículos escolares, com relação ao estudo de Língua Portuguesa, principalmente nas partes de Literatura e Redação;
- solicitar dos órgãos próprios a criação da disciplina Literatura Mineira, ao menos em uma das séries do 2º grau, e o estudo mais amplo de textos de autores mineiros, no 1º grau, e de obras importantes da Literatura Universal, no 2º grau;
- desenvolver maior intercâmbio entre as principais entidades literárias do Estado e do País com as escolas e promover a participação das academias de letras na elaboração dos currículos de Literatura e na escolha dos livros a serem lidos pelos estudantes;
- contatar os autores e editores de livros didáticos de Literatura, procurando sensibilizá-los para os objetivos do Movimento;
- buscar o apoio da imprensa para a maior divulgação dos escritores mineiros e do Movimento Caravela;
- atuar junto aos vários setores das comunidades mineiras, para a conscientização deste Movimento, através, principalmente, das prefeituras municipais;
- descobrir, reconhecer e fazer emergir novos e autênticos valores literários que estejam no anonimato.
- promover e/ou estimular a realização de encontros, debates, seminários e congressos para avaliação periódica dos resultados do Movimento e estudo de novas estratégias, em todos os municípios interessados. Com o decorrer dos estudos a serem desenvolvidos, novos caminhos surgirão.

É um sonho, por enquanto. Mas o sonho é um imperativo humano e, como disse Tiradentes, sonhos precisam ser realidade. Estamos dando o primeiro passo para que isso aconteça.

Estamos atravessando hoje o nosso Rubicão. Alea jacta est!
Pela Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette:

*Profa. Avelina Maria Noronha de Almeida e jornalista Carlo Menezes
(idealizadores do Movimento).*

MEMBROS EFETIVOS DA ACLCL

Cadeira- Patrono- Acadêmico

- 01 - Jornalista Jair Noronha - Prof^o. Avelina Maria Noronha de Almeida
- 02- **Jornalista Adelino Libânio Filho -cadeira vaga (Prof. Alberto Libânio Rodrigues - falecido em 13/10/00) - cadeira vaga**
- 03- Educador Guilherme de Azevedo Lage - Juiz Federal Antônio Francisco Pereira
- 04- Hist. Vicente de Andrade Racioppi - Museólogo Antônio Luiz Perdigão Batista
- 05- Poeta Cícero Diógenes Baêta Vidigal - Jorn. Benedicto Fernandes Carlos
- 06- Prof^o. Maria Augusta Noronha - Jornalista Carlo José de Menezes
- 07- Educador Olavo Mendes Brandão - Médico Pedro Paulo de Salles Dias
- 08- Hist. Joaquim Rodrigues de Almeida - Escritor Dimas da Anunciação Perrin
- 09- Domingos da Costa Guimarães - Genealogista Felelon Ribeiro
- 10- **Prof. José Luiz Alves Cruz- cadeira vaga (Geraldo A. de Freitas – falecido em 6/05/00) - cadeira vaga**
- 11- Prof. Emílio de Vasconcelos Costa - Poetisa Hortência Hudson Vilela
- 12- Romancista Bernardo Guimarães - Advogado Márcio Verdolin Hudson
- 13- Maestro Antônio Roberto Ferreira Barros- Pedagogia Zeni de Barros Lana
- 14- **Juiz Washington Rodrigues Pereira - cadeira vaga**
- 15 - **Desembargador José Maria de Lima Torres - (Agostinho Campos Neto falecido a 8/09/98) - Cadeira vaga**
- 16- Adv. Francisco Rodrigues Pereira Júnior- Odontólogo Alexandre A. Nepomuceno
- 17 - Mons. José Sebastião Moreira - Historiador Allex Assis Milagre
- 18- Prof. José Ganime - Poeta Aislan Pierre Ganime
- 19- Poetisa Guiomar Andrade Albino- Prof. Ayran Lavra Albino
- 20- Médico José Leão- Escritor Aluísio Santiago Campos Júnior
- 21- Advogado Paládio Albino de Andrade- Prof^o. Leila Maria Silva Barbosa
- 22- Padre José da Silveira Lobo - Jorn. Benedicto Adami de Carvalho
- 23- Adv. Henrique Wladimiro de Abreu- Contabilista Benjamin Granha Filho
- 24- Prof. Manoel Martins de Almeida - Poetisa Dilene da Fonseca
- 25- **Prof. Leandro Werneck - cadeira vaga**
- 26- Poeta Djalma Andrade - Prof. Edir Pires
- 27- Prof. Gabriela Nogueira de Mendonça - Escritor Jônatas Costa Ferreira
- 28- Maestro José Alexandre Ramos- Prof^o. Geraldina Ramos
- 29 - Jornalista Moacir Andrade - Cronista Gilberto Victorino de Souza
- 30- Exp. Secundino Monteiro de Castro - Poeta Giovanni Monteiro de Castro
- 31- Prof^o. Maria do Amor Divino Pereira - Deputada estadual Elaine M. Ribeiro Gonçalves
- 32- Prof. Eugênio Verona - Físico Hélio Fernando Verona de Rezende
- 33- Dom Daniel Tavares Baêta Neves- Mons. Hermenegildo Adami de Carvalho
(+06/07/1994), Dom Geraldo Magela Reis (a ser empossado)
- 34- Prof. José Augusto de Almeida - Prof^o. Ignez de Almeida Camargos
- 35- Prof. Antônio da Costa César - Prof^o. Irene César Botelho
- 36- Farmacêutico Guilherme Albino A. Cyrino - Poeta Itamar José de Oliveira
- 37- Poeta Afonso da Silva Guimarães - Prof. João Batista Ferreira Lima
- 38- Ministro Francisco de Paula F. Rezende - Ministro João Nogueira de Rezende
- 39- Médico José Narcizo de Queiroz Netto - Médico José Álvaro Duarte Castanheira
- 40 - Com. Francisco Nemézio Nery de Pádua - Prof. José de Alencar Gomes de Lima
- 41- Padre Manoel Rodrigues da Costa - Adv. José de Assis Silva
- 42- Adv. Miguel Lobo da Silveira - Advogado José das Graças Freire

- 43- Prof. Doriol Gomes Beato - Escritor Ilmar Penna Linhares
- 44- Geógrafo Waldemar Alves Baêta - Geólogo Edézio Teixeira de Carvalho
- 45- Desembargador José Dayrell de Lima - Poeta Júlio César Vieira Júnior
- 46- Prof. José Ignácio Dias de Faria - Profª. Lêda Maria A. Vieira de Faria
- 47- Maestro José Maria da Rocha Ferreira - Médico Artur Laizo
- 48- Adv. Antero Rodrigues Chaves- Des. Leontino de Melo Chaves
- 49- Irmã Leônia Malta - Profª. Lourdes Aparecida da Silva
- 50- Jornalista José Jorge Mafuz - Escritora Luciene Maria de Souza Samôr
- 51- Mons. Antônio José Ferreira- Advogado Luiz Antônio da Paz
- 52- Profª. Leila Costa Pinto- Geólogo Marcelo Demonte Pontes
- 53- Prof. Vicente Aladim dos Santos- Jorn. Márcia Terezinha Carreira Rodrigues
- 54- Jurista João Romeiro - Adv. Maria do Carmo Baptista Ferreira Costa
- 55- Artista José Brandão Júnior- Profª. Maria da Conceição Vieira de Almeida
- 56- Hist. Romeu Guimarães de Albuquerque- Escritor Juarez Guimarães Dias
- 57- Jorn. Antônio Augusto de Carvalho - Jorn. Mª. Isabel Adami Carvalho Potenza
- 58- Poeta Heitor José Nunes - Poetisa Maria de Lourdes Azevedo
- 59- Cavalheiro Victório Marzano - Adv. Maria Thereza Moreira Estanislau
- 60- Poeta José Baptista do Carmo - Poetisa Marília Batista Albuquerque
- 61- Poeta Orestes Biagioni - Profª. Marina Biagioni Marques
- 62- Prof. Astor Viana - Poetisa Martha Faria Fernandes
- 63- Médico Mário Rodrigues Pereira - Poetisa Nathércia Mendes
- 64- Jornalista Brandimarte de Souza Valle - Médico Nívio Braz de Lima
- 65- Prof. Agostinho Evaristo Lana - Contabilista Nízio de Castro
- 66- Teatróloga Placidina de Queiroz - Advogado Paulo Roberto Antunes
- 67- Profª. Clélia Sampaio Barbosa - Arquiteto Marcílio Malbo Lacerda
- 68- Prof. José Martins Sobrinho - Advogado Rogério Camilo Freire
- 69- **Jornalista Wilton Andrade Souza - cadeira vaga**
- 70- **Padre José Duarte de Souza Albuquerque - cadeira vaga**
- 71- Cons. Lafayette Rodrigues Pereira - Juíza Vanessa Verdolin Hudson Andrade
- 72- Jorn. Antônio Nogueira de Almeida Coelho - Hist. Wolmar Olympio N. Borges
- 73- Embaixador Napoleão Reys - Psicóloga Zélia Nogueira da Silveira Reis
- 74- Cons. Joaquim Antônio Fernandes Leão - Poeta Wilson Baêta de Assis
- 75- Poeta Luiz Carlos Gomes Beato - Poetisa Patrícia Gonzaga de Carvalho
- 76- Escritor Joaquim Laporte - (Odilon do Amaral Bhering - falecido em 11/01/00)
Expedicionário Victor Menezes de Faria
- 77- Artista Jair Junqueira - Engenheiro Cláudio Martins de Souza
- 78- Jornalista José Balbino Chaves- Poetisa Efigênia Chaves Janoni
- 79- Jornalista Álvaro Prado - Professor José de Souza Júnior
- 80- Educador Alcides Rodrigues Pereira - Profª. Lucy de Assis Silva
- 81- Prof. Francisco dos Reis Alves - Médica Neise Barros Moreira
- 82- **Deputado Ovidio João Paulo de Andrade - Profª. Rita de Cássia de Andrade Netto (+23/02/1998) cadeira vaga**
- 83- **Médico Alfredo Albino de Almeida Cyrino - cadeira vaga**
- 84- Médico José Caetano da Silva Campolina - Advogado José Eustáquio Antunes
- 85- Jornalista Adolpho Albino de Almeida Cyrino - Walter Andrade de Souza (+05/12/1994). Atual ocupante médico Carlos Reinaldo de Souza.
- 86- Maestro Mansuêto Leão Corrêa - Odontólogo Vander Lúcio Vieira
- 87- Mons. José de Oliveira Barreto - Jornalista Hélio Adami de Carvalho
- 88- Educador Manoel Lino do Nascimento - Cronista Edson Condé
- 89- Educadora Ana Guilhermina de Almeida - Profª. Luíza de Almeida C. Ferreira

- 90- Médico José Morethzon Barbosa - cadeira vaga
 91- Farmacêutico Waltério Alves Baêta - Poeta Gilberto Baêta
 92- Teatrólogo Antônio Egídio de Lima - Radialista Olimar Flores
 93- Artista Otacílio Carlos do Nascimento - Odontóloga Maria do Carmo R. Marques
 94- Jornalista Castilho Lisboa - Poetisa Ângela Togeiro Ferreira
 95- Poeta João Augusto da Costa - Profª. Stella da Costa César
 96- Poeta João Bento de Oliveira - Padre José Vicente César (+03/07/1995)
 Médico Mauro Barbosa Armond (atual ocupante)
 97- José Francisco Netto (Barão de Coromandel) - Médico Elias de Lima
 98- Poeta João Augusto Ferreira Filho - Advogado Pedro de Souza Carvalho
 99- Hist. José Damasceno Pinto - Cronista Paulo D. Bellavinha
 100- Cônego Francisco Pereira de Santa Apolônia - Prof Antônio Biagioni

MEMBROS EMÉRITOS

Cel. Adalberto Guimarães Menezes - BH, Cel. Adilson Augusto Batista- RJ, prof. Adilson César, Sorocaba-SP, Hist. Affonso Heliodoro-Brasília, poeta Alair de Almeida - BH, escr. Alayde Lisboa de Oliveira - BH, poeta Almira Guaracy Rebelo - BH, prof. Altary de Souza Ferreira Júnior - Congonhas, dra. Amanda Brant Costa - BH, poeta Ana Athayde Ferreira da Silva - BH, escr. Aníbal Albuquerque, Varginha, escr. Antônio Claret de Lima - BH; médico Antônio Roberto Pereira Casarões - BH, padre Armando Cesário Ferreira de Lima - Ressaquinha, eng. Astor Vianna Júnior - BH, escr. Beldia Cagnoni Balestra - SP, deputado Bonifácio José Tamm de Andrada - Brasília, poeta Carlos de Matos Ferreira Chaves - BH, padre Carlos dos Reis Baêta Braga - Viçosa, poeta Carlos Roberto de Oliveira Silva - RJ, poeta Carlos Vieira Cruz - BH, escr. Carmem Schneider Guimarães - BH, escr. Carolina Bernardes Machado e Oliveira Silva- C. Lafaiete, Jorn. Cássia Lage Vianna - BH, escr. Célia Lamounier de Araújo- Itapeperica, poeta Cely Vilhena Falabella - BH, médica Clarissa Marina Biagioni Silveira - BH, poeta Cleiber Andrade - Cons. Lafaiete, poeta Cleiber José Otoni de Oliveira - Cons. Lafaiete, escr. Conceição Piló - BH, poeta Danilo dos Santos Pereira - BH, hist. David de Carvalho - Itaúna, poeta Dina Mangabeira - BH, escr. Diva Ruas Santos - BH, prof. Duarte Pacheco - BH, escr. Edelvais Campos Silva - BH, escr. Elizabeth Rennó - BH, trovador Eno Theodoro Wanke RJ, médico Francisco T. Penna - BH, escr. Gerson Cunha - BH, hist. Guaracy de Castro Nogueira - Itaúna, poeta Hebert H. Damasceno Silva - Cons. Lafaiete, profa. Helenice Bernardes Oliveira - Cons. Lafaiete, prof. Hélio Eimar Barbosa de Melo - BH, profa. Hilda da Silva - Niterói, J. Barros Filho - BH, poeta João Bosco de Castro- BH, ex-Cônsul de Portugal dr. João Corte Real - BH, escr. João de Carvalho - SP, prof. João Moreira dos Reis - BH, poeta João Ostrovski - Ponta Grossa, hist. João Paulo

Ferreira de Assis - BH, escr. Joaquim Mariano do Lago Leal - Barra Mansa, prof. José Augusto Moreira - São João del Rei, poeta José Bernardino Peixoto - BH, trovador José Caram Elias Jaude - Nova Lima, escr. José Carlos da Silva - Uberlândia, poeta José Carlos Maciel - Ouro Branco, escr. José de Andrade Silva - BH, genealogista José Gomide Borges - BH, escr. José Humberto S. Henriques, Uberaba, escr. José Rodrigues de Arruda - Serrinha, prof. José Sebastião Maia - Mariana, prof. Kleber Rocha - Ponte Nova, poeta Lacyr Schettino - BH, escr. Liberalina de Barros Ávila - BH, trovadora Lucy Sother de Alencar Rocha - BH, escr. Luiz Carlos Abritta - BH, advogado Luiz Carlos Gonçalo Elói - BH, profa. Luíza Isabel Biagioni - Conselheiro Lafaiete, escr. Manoel Soares Ramos- BH, poeta Marcelo Biagioni Nascimento Lana - Conselheiro Lafaiete, jorn. Márcio Vicente Silveira Santos - Sete Lagoas, poeta Maria Auxiliadora Duarte - BH, escr. Maria da Conceição Elói - BH, escr. Maria da Glória de Jesus de Oliveira - Porto Alegre-RS, genealogista Maria de Freitas - BH, escr. Maria do Carmo Marinho, BH, escr. Maria Elizabeth Candio - SP, poeta Maria Geralda Arouca Loder - BH, poeta Maria Moreira Possas - BH, poeta Mariana de Andrade Ávila Torga - BH, escr. Marilene Rosa de O. Rocha - BH, escr. Mário Celso Rios - Barbacena, escr. Maurício José Marzano do Nascimento - RJ, adv. Mauro Mota Durante - Brasília, médico Milton Rezende Pinto de Figueiredo - Juiz de Fora, escr. Nadir Higino de Camargo Assis, Santos-SP, escr. Neide Barros Rego - BH, poeta Nely Lages Jardim BH, jorn. Neyde da Conceição Eleutério - BH, Vice-Consul de Portugal Otacílio Ferreira Cristo - BH, juiz Paulo Geraldo de Oliveira Medina - BH, prof. Paulo Gustavo Galvão - BH, escr. Pedro Franco, Rio de Janeiro-RJ, escr. Renata Paccola, São Paulo-SP, médico Renato Tavares Barbosa - Rio de Janeiro, escr. Roque José de Oliveira Camello - BH, genealogista Rubens Rodrigues Câmara - BH, Genealogista Ruy Vieira da Cunha -Rio de Janeiro, escr. Salvador. G. Ferrari - Ponte Nova, médico Sebastião Gusmão - BH, escr. Sérgio Bernardo - Nova Friburgo, escr. Sérgio Emílio Brant de Vasconcelos Costa - Sete Lagoas, trovadora Sílvia de Lourdes Araújo Motta - BH, Cônsul de Portugal Silvino Octávio Valente Ferreira - BH, escr. Terezinha de Arruda Melo - Amparo-SP, trovadora Theolina Vilella - BH, trovadora Thereza Costa Val - BH, escr. Thereza Emery Renalt Baêta - BH, escr. Thereza Freire Vieira - Taubaté-SP, profa. Vanda Arantes do Vale - BH, escr. Vivaldi Wenceslau Moreira - BH, hist. Waldemar de Almeida Barbosa - BH, escr. Weber Lacerda - Juiz de Fora.

DATAS NATALÍCIAS DOS ACADÊMICOS

JANEIRO

- 10- Leontino de Melo Chaves
- 14- Cláudio Luiz Martins de Souza
- 25- Patrícia Gonzaga de Carvalho
- 26- Dilene da Fonseca
- 26- Giovanni Monteiro de Castro

FEVEREIRO

- 03- Nívio Braz de Lima
- 13- Gilberto Baêta
- 15- José Eustáquio Antunes
- 25- Zeni de Barros Lana

MARÇO

- 03- Edson Condé
- 08- Rogério Camilo Freire
- 15- Aislan Pierre Ganime
- 24- Stella da Costa César
- 25- Dimas Perrin
- 28- Maria Izabel Adami C. Potenza
- 28- Carlo José de Menezes
- 29- Maria de Lourdes Azevedo
- 30- Nathércia Mendes
- 31- Lourdes Aparecida da Silva

ABRIL

- 04- Ayrán Lavra Albino
- 14- Marcílio Malbo Lacerda
- 14- Juarez Guimarães Dias
- 18- Júlio César Vieira Júnior
- 21- Allex Assis Milagre
- 28- Elaine Matozinhos R. Gonçalves

MAIO

- 04- Marina Biagioni Marques
- 10- Wilson Baêta de Assis
- 12- Maria do Carmo Batista F. Costa
- 12- Antônio Francisco Pereira
- 22 - João Batista Ferreira Lima
- 22 - Aluísio Santiago Campos Júnior
- 26 - Ângela Togeiro Ferreira

JUNHO

- 07- Olimar Flores
- 14- Victor Menezes de Faria
- 16- Márcio Verdolin Hudson
Ilmar Penna Linhares
- 17- Lucienne Maria de S. Samôr
- 18- Lêda Maria A. Vieira de Faria
- 19- Hélio Adami de Carvalho
- 20- Benedicto Fernandes Carlos
- 23- Antônio Biagioni
- 27 - Pedro Paulo de Salles Dias
- 28- Hortência Hudson Vilela
- 29- Pedro de Souza Carvalho

JULHO

- 05- Carlos Reinaldo de Souza
- 10 - Lucy de Assis Silva
- 17- Maria do Carmo R. Marques
- 27 - Paulo Dionísio Bellavinha

AGOSTO

- 04- José de Alencar G. de Lima
- 08- Itamar José de Oliveira
- 16- Neíse Barros Moreira
- 22- Maria Tereza M. Estanislau
- 22- Wolmar Olympio N. Borges
- 24- Marcelo Demonte Pontes
- 27- Jônatas Costa Ferreira
- 28- Alexandre A. Nepomuceno

SETEMBRO

- 06- Gilberto Victorino de Souza
- 26 - José Álvaro D. Castanheira

OUTUBRO

- 10- Benjamin Granha Filho
- 11- Luíza de Almeida C. Ferreira
Marília Batista Albuquerque
- 12- Irene César Botelho
- 13- Efigênia Chaves Janoni
- 14- Maria da Conceição V. Almeida
- 19- Nízio de Castro
- 23- Vanessa Verdolin H. Andrade
- 31- Edir Pires

NOVEMBRO

- 03- José das Graças Freire
- 04- Paulo Roberto Antunes
- 05- Hélio Fernando V. Resende
- 09- Zélia Nogueira da S. Reis
Mauro Barbosa Armond
Artur Laízo
- 13- Avelina Maria Noronha
- 15- Antônio Luiz Perdigão Baptista
- 27- Benedicto Adami de Carvalho

- 27- Luiz Antônio da Paz
- 29- Márcia Terezinha C. Rodrigues

DEZEMBRO

- 05- Geraldina Ramos
Leila Maria Silva Barbosa
- 11- Vander Lúcio Vieira
- 13- João Nogueira de Rezende
- 26- Martha Faria Fernandes

Esta obra foi editada pelo

CONSÓRCIO **M**INEIRO DE **C**OMUNICAÇÃO LTDA.

A sua cooperativa de serviços de comunicação

Rua Carijós, 558 - 2º andar - Ap. 203 - Belo Horizonte/MG

Tel. (0XX31 - 3212-2098

Lafaiete: R. Cel. Licínio Dutra, 22 - CEP 36400-000

Tel. (0XX31) 3761-2439 - Telefax 3761-5205

- Construção de home-pages para a Internet**
- Assessoria editorial e gráfica para a produção de jornais, revistas, livros, agendas escolares e catálogos**
- Levantamento da história dos municípios (obra impressa), banco de dados informatizado (CD Rom) ou para a Internet**
- Produção gráfica**
- Pesquisa genealógica e edição de obras biográficas**

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Notas de falecimentos de membros da ACLCL
ou de parentes, em primeiro grau, dos acadêmicos

ODILON DO AMARAL BHERING

*Posse de
Odilon
Bhering
na
ACLCL, na
qual o então
presidente da
Câmara
Municipal
de
Lafaiete,
Darci
Tavares,
lhe entrega
o
diploma*



O acadêmico Odilon do Amaral Bhering faleceu dia 11 de janeiro de 2000, aos 71 anos, depois de cruel enfermidade, deixando uma grande lacuna nos meios culturais, políticos e sociais da nossa cidade. Os membros efetivos da ACLCL têm direito a receber homenagem póstuma da entidade, com a colocação da bandeira deste sodalício sobre o caixão, mas no caso de Odilon, apesar de a

diretoria estar atenta, acompanhando a evolução da sua doença, a notícia final só chegou depois do seu sepultamento, que ocorreu no mesmo dia da morte. Odilon nasceu em Lafaiete, a 1º de dezembro de 1928 e era membro-efetivo da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, como ocupante da cadeira 76, que tinha como patrono o escritor Joaquim Laporte, que foi seu amigo particular. Sua irmã, Isa Bhering Stein, foi uma grande poetisa e escritora.

Homem verdadeiramente comprometido com a cultura e a vida pública, Odilon foi odontólogo e, depois, formou-se em Direito, tudo isso, em paralelo à sua destacada atuação como político. Manteve, muitos anos, na Rádio Carijós, um programa dominical de grande audiência “Boa Tarde para Você”, em que ele lia crônicas e poemas de sua autoria e os enviados pelos ouvintes.

Desde a fundação da ACLCL, em setembro de 1993, seis acadêmicos faleceram, antes de Odilon, sendo eles, Monsenhor Hermenegildo Adami de Carvalho, Walter Andrade Souza, padre José Vicente César, Rita de Cássia de Andrade Netto, Agostinho Campos Netto e Geraldo Augusto de Freitas.

O jornal Correio da Cidade prestou significativa homenagem póstuma

a Odilon, que transcrevemos a seguir:

LAFAIETE SE DESPEDE DE ODILON BHERING

O sepultamento do odontólogo Odilon do Amaral Bhering, falecido aos 71 anos na terça- feira, dia 11, comoveu amigos, parentes e familiares. O corpo foi velado na Câmara Municipal, de onde saiu o féretro com destino ao Cemitério Nossa Senhora da Conceição, acompanhado por um grande cortejo. Odilon Bhering morreu às 6h 50min em sua casa, na rua Afonso Pena, e foi sepultado às 17h. Durante o velório, amigos, correligionários, clientes e colegas de trabalho lembraram a vida do profissional, do homem público e do pai exemplar que ele foi.

Ele era filho de Olga do Amaral Bhering e do médico Victor Bhering que trabalhou quase 50 anos atendendo aos operários da Companhia Siderúrgica Nacional. Odilon formou-se em Odontologia, em 1951, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo trabalhado durante 48 anos. Até 1999, quando os médicos, diagnosticaram -lhe um câncer no pulmão, Odilon Bhering ainda trabalhava como dentista. Em 1979, depois de largar a política, tornou- se bacharel pela Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete. Presidiu o Diretório Acadêmico e foi orador da turma.

Foi dentista na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e na Companhia Industrial. Santa Matilde.

Odilon Bhering deixa viúva a senhora Maria da Anunciação Lobo Leite Bhering (Nhazinha), três filhos - os médicos Victor Bhering (vereador) Rúbia e Rose - duas netas e três irmãos. Na terça- feira, dia 11, a Prefeitura decretou luto oficial de três dias.

Além da vida profissional, os amigos relembrou principalmente, a vida política de Odilon que foi vereador durante 24 anos e presidiu a Câmara por três vezes. A sua carreira política, no final dos anos 50 e nas décadas de 60 e 70, foi brilhante. Era considerado um político de grande potencial, humanista e ligado às questões sociais. Ele ainda foi radialista, apresentando programas nas rádios locais.

Numa época em que o vereador não recebia salário ou vencimentos, Odilon se reelegeu por seis mandatos. Uma de suas maiores batalhas políticas, Odilon Bhering travou quando era líder do prefeito Orlando Baêta Costa. Na Câmara, debatia-se a construção da avenida Telésforo Cândido de Resende, um sonho político do prefeito e de Odilon. Ele defendeu o projeto e enfrentou críticas da oposição conseguindo, finalmente, que a construção da avenida fosse aprovada.

POLÍTICO QUERIA FACULDADE DE ODONTOLOGIA EM LAFAIETE

Ele também chegou a manter intensos contatos para criar uma Faculdade de Odontologia em Lafaiete. O local estava até definido - onde hoje funciona a Policlínica. Na época, houve muita pressão e faltou apoio dentro de seu grupo político e a faculdade não foi implantada. Seus amigos lembram que, apesar de ser considerado um político de grande potencial,

Odilon Bhering permanecia fiel ao grupo do antigo Partido Republicano (PR) ao qual pertencia.

Sendo considerado um dos mais populares políticos do seu grupo e com forte apelo popular, Odilon Bhering mantinha-se leal, mesmo quando era preterido em muitas indicações. Segundo seu companheiro de Câmara, o vereador do antigo MDB, Clério Rodrigues, Odilon não se identificava com a linha política conservadora. "Ele defendia as causas sociais, o progresso de Lafaiete e era um humanista, sempre muito preocupado com o ser humano, com o bem-estar das pessoas", afirma Clério, que foi eleito vereador para o mandato de 1967-1970.

HOMENAGEM PÓSTUMA

Um dos bons amigos de Odilon foi o advogado lafaietense Pedro Bavuso Ribeiro, que mora, há décadas, em Itaúna e atua como defensor público em Mateus Leme. Tão logo ele tomou conhecimento da morte de Odilon, pelo boletim da ACLCL, escreveu ao presidente da entidade a carta abaixo:

Itaúna, 24 fevereiro de 2000.

Prezado amigo e compatriota professor Libânio.

Abraços com votos de paz, saúde felicidades e esperança em dias cada vez melhores.

Acabo de receber o jornal da ACLCL, e, após percorrer suas páginas, deparo com a triste e sofrida notícia do falecimento do meu já saudoso e querido amigo Odilon Bhering; amigo da lágrima e do riso, da paz e da angústia. Infelizmente, não me avisaram do seu falecimento, pois se assim fosse eu teria comparecido à sua derradeira viagem rumo ao campo santo.

Éramos - eu e o saudoso amigo Odilon - seguidores dos caminhos da poesia, da literatura e da boa música, e nossa convivência foi muito estreita quando eu residia em Lafaiete.

Com saudade, me lembro do programa radiofônico "Boa tarde para você", todos os domingos, sendo que, algumas vezes, eu pude lá estar presente com o amigo, lendo crônicas e versos de minha autoria, tendo por fundo musical a voz inspiradora de Moacir Franco, Altamar Dutra e outros cantores do mundo romântico. Odilon era um filósofo. Totalmente divorciado do mundo material, gostava de ajudar o próximo, de ser útil ao menos favorecido da sorte. Na profissão (excelente profissional era ele), não logrou fortuna, pois fez dela um verdadeiro sacerdócio.

Em vida, Odilon Bhering, procurou e demonstrou ser um homem correto, lutador, amigo dos humildes e confiante num futuro de céu azul. Tenho certeza de que ele, neste momento, está ocupando um dos apartamentos do condomínio no lar celestial, onde Cristo é o síndico.

Os verdadeiros amigos meus, para minha tristeza, estão percorrendo a região do silêncio, dormindo o sono da eternidade. A saudade é cruel, porque dói muito, mas, ao mesmo tempo, é bom senti-la dentro de nós, ainda mais quando ela nos torna felizes. O passado nem sempre é triste e

sombrio, mas nos deixa um pouco melancólico, porque naquele tempo nosso coração batia as badaladas de uma esperança maior, de uma tranqüilidade de criança dormindo.

A vida não termina dentro de um mísero, frio e solitário sepulcro; ela, a vida, continua, e para melhor. Dentro da minha concepção religiosa (professo a fé metodista), sei que, após esta vida, iremos viver outra, num lugar de paz, onde não há choro nem ranger de dentes; onde não existe hipocrisia nem jogo de interesses. Aqui na terra, tudo é por demais passageiro... Resta-nos a esperança de que nem tudo está perdido, pois a esperança é a nossa maior e mais sublime mensageira.

Professor Libânio, nós que vivemos nos caminhos de um mundo diferente, qual seja o mundo da poesia, do belo e do sublime, podemos dizer que nossas estradas são mais suaves, pois a magia da filosofia e do lirismo quebra a brutalidade do mundo material e hipócrita. Também eu, graças a Deus, fui tocado pela magia da poesia e da literatura: gosto de escrever e tenho produzido muita coisa, e pretendo até publicar um pequeno ensaio de minhas crônicas, tão somente com o propósito de levar a outras pessoas a idéia de que a matéria não consome o homem e que as coisas espirituais suavizam nossa curta passagem por aqui.

Nesta oportunidade, solicito ao bom amigo e compatriota (que saudade da minha Lafaiete!), fazer-me representar junto aos familiares do meu querido amigo Odilon, dizendo-lhes do meu pesar e tristeza pelo falecimento do mesmo.

Agradecido pela costumeira e eficiente atenção, aqui fica o leal amigo, admirador e sempre ao seu inteiro dispor, no que for preciso.

PS. Acaba de chegar a minha residência o Boletim Informativo da Prefeitura de Lafaiete. Através dele, minha saudade de Lafaiete é um pouco suavizada. Agradeça também - por favor - ao pessoal de Prefeitura pela gentileza do jornal, especialmente ao prefeito, dr. Vicente de Faria Paiva, ex-colega de colégio e amigo ex-corde.

Escrevo às pressas, pelo fato de levar à família do amigo que partiu, minhas sinceras condolências.

Do amigo, sempre amigo,

Pedro Bavuso Ribeiro

QUEM FOI ODILON DO AMARAL BHERING

Odilon nasceu no mês de dezembro, o mês do Natal, e, talvez por esse motivo, tinha o temperamento terno e emotivo daqueles que sentem a vida sob o embalo da solidariedade humana.

Odilon Bhering residia na rua Afonso Pena, no mesmo prédio neoclássico onde nasceu – o velho sobrado construído por seus pais, Victor Bhering e Olga do Amaral Bhering. Em sua infância, palmilhou estas ladeiras antigas, sentindo, desde pequeno, a delícia da brisa que sopra as montanhas das Gerais. Aprendeu, desde cedo, a amar sua terra e a defendê-la com desprendimento e idealismo.

Seu pai foi médico da Cia. Industrial Santa Matilde, nos primórdios da empresa, nesta cidade, e também atendeu, durante 50 anos, os empregados e dependentes da CSN, desde os tempos da antiga A.Thum.

Seu avô materno, João Evangelista do Amaral, um pequeno sitiante, conseguiu, com muito trabalho, adquirir uma fazenda de muitos alqueires de terra, cuja área foi, depois, loteada, já em nossos dias, dando origem ao moderno e populoso bairro de Santa Matilde.

Odilon fez curso primário no Domingos Bebianio; foi aluno das mestras Ester, Artemisia e Gabriela; no Monsenhor Horta, cursou o Ginásial, sendo aluno de Alcides Rodrigues Pereira, Astor Viana, Henrique de Abreu, Miguel Lobo da Silveira, Antero Chaves, Paládio Albino, José Celso Lana Santos, Agostinho Evaristo Lana, Anacleto Milagres e Emilio Vasconcelos Costa, entre outros renomados professores. Fez o curso científico no Colégio Santo Antônio, de São João Del Rey, e Anchieta, de Belo Horizonte. Foi aprovado no vestibular na Universidade Federal de Minas Gerais e ingressou na faculdade de Odontologia, diplomando-se como cirurgião-dentista, na turma de 1951. Fez, paralelamente, o curso de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR – recebendo o certificado de Oficial da Reserva na mesma época.

Voltou para Conselheiro Lafaiete em 1952, passando a exercer as atividades profissionais. Em 1962, foi eleito pela primeira vez à Câmara Municipal, ocupando a liderança do ex-partido Republicano do presidente Artur Bernardes. Atuou, com destaque, no meio radiofônico, criando, nesse mesmo ano de 1962, o programa “Linha de Frente”, na Rádio Carijós, no qual defendia politicamente as linhas mestras e os princípios básicos da democracia, pregados pelo partido Republicano. Em 1966, modificou a linha do seu programa radiofônico, agora numa linha lítero-musical, denominando-o “Boa Tarde para Você”, que incluía comentários sobre as pessoas que integravam a grande e enorme família lafaietense. Atuou como radialista até 1976 e, em 1968, foi agraciado com o troféu Cavaleiro Marzano, como uma das personalidades de destaque da comunidade lafaietense. Ainda em 1968, recebeu diploma de gratidão da Sociedade das Almas de São Gonçalo.

Com relação à sua vida profissional intensa, recebeu certificados pela participação em diversos cursos, seminários e outras atividades, destacando-se: 1º seminário Odontológico, Belo Horizonte, 1966; Curso de Radiologia Clínica, Poços de Caldas, 1965; Membro efetivo do 2º Congresso do Centro de Estudos Odontológicos do IPSEMG, Poços de Caldas, 1975; Especialização em Radiologia, após curso feito em 1975, no Centro de Estudos Odontológicos do IPSEMG, Belo Horizonte. Em 1982, obteve seu registro e inscrição como especialista no Conselho Federal de Odontologia.

Atuou como vereador nos mandatos de 1962, 1966, 1970, 1972, 1976 e obteve os seguintes certificados em sua vida como homem público.

Participação, como representante de Conselheiro Lafaiete e como presidente da Câmara Municipal, no 1º Encontro para Estudos de Problemas

Municipais, promovido pelo Governo do Estado de Minas Gerais, em 1975; II Congresso de Vereadores de Minas Gerais, Poços de Caldas, 1975; III Congresso de Vereadores de Minas Gerais, São Lourenço, 1976; IV Congresso de Vereadores de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1977; V Congresso de Vereadores, Juiz de Fora, 1978; Delegado do Colégio Eleitoral, como representante de Conselheiro Lafaiete, nas eleições do governador Francelino Pereira e do senador Murilo Badaró, Belo Horizonte, 1978; 11º Seminário Microrregional sobre o Meio Ambiente do Alto Paraopeba, patrocinado pelo Governo do Estado, Secretaria de Ciência e Tecnologia e AMALPA - Associação dos Municípios da Microrregião do Alto Paraopeba.

Como desportista, recebeu diplomas da Liga Municipal de Futebol de Conselheiro Lafaiete, em 1975 e 1977, como reconhecimento aos bons serviços prestados ao esporte amador de Conselheiro Lafaiete.

Foi eleito vice-presidente da Câmara Municipal, em 1973, e presidente da Casa em 1975, 1976, 1977 e 1981, sendo, também, membro efetivo de todas as comissões técnicas do Legislativo, como presidente e relator de algumas delas.

Recebeu, também, o Diploma de Amigo do 9º BPM, de Barbacena, em reconhecimento ao apoio que concedeu a essa unidade da Polícia Militar, à qual Lafaiete era subordinada.

Em 1977, foi aprovado no vestibular para a Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete. No mesmo ano, recebeu o certificado de participação na Conferência sobre o tema “Sistema Penitenciário Brasileiro – Direito Penal”, proferida pelo Ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel; em 1977, o certificado de participação na conferência sobre o tema “Súmulas e prejuízos do Direito do Trabalho”, do professor Paulo Emílio Ribeiro Vilhena.

Outros certificados: participação na conferência sobre o tema “Lei do Divórcio no Brasil – Direito Civil” - 1978 - Professor Washington de Barros Monteiro; Conferência “Legítima Defesa – Direito Penal” - 1978 - Professor Marcelo Jardim Linhares.

Em 1979, elegeu-se presidente do Diretório Acadêmico “Astor Viana”, da Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete.

Participou como advogado de defesa de dois julgamentos no Fórum local, com brilhante atuação.

Odilon do Amaral Bhering – pai exemplar e amigo de todas as horas - deixa três filhos que são seu maior tesouro, a maior alegria de sua vida, sua realização completa como homem que sente, vibra e vive, segundo os princípios básicos da família que é o centro angular da sociedade espiritual cristã. Seus filhos, todos médicos, seguem os passos do avô - e são: Rúbia Lobo Leite Bhering, pediatra, que exerce suas atividades em nossa terra; Rosana Lobo Leite Bhering e Victor Bhering Neto. Este, não só sabe dignificar o nome do avô médico, mas também segue as pegadas luminosas do pai, como um dos mais brilhantes vereadores da Câmara Municipal de Lafaiete.

Orgulho maior de Odilon, os filhos representaram a certeza de que ele, com o seu trabalho, cumpriu - e muito bem! - o dever de educá-los,

segundo os princípios morais da vida em sociedade, que é o de amar uns aos outros, fazer o bem sem saber a quem, estender a mão num cumprimento cordial de amigo, ajudar, servir, trabalhar, e construir, melhorando as condições de vida do povo sacrificado, do homem humilde, da multidão anônima, tudo isso sob os auspícios do Mestre dos mestres.

UMA AMOSTRA DO TALENTO DE ODILON

Odilon foi o orador oficial da sua turma, quando da formatura em Direito, a 19 de dezembro de 1980, com missa no Santuário do Sagrado Coração de Jesus. O patrono da turma foi o advogado Aristóteles Atheniense, então presidente da Ordem dos Advogados do Brasil -MG

Orador primoroso, Odilon, em seu discurso, demonstra, claramente, sua sensibilidade e seu talento para as letras. Além disso, a transcrição do discurso constitui importante registro de época e de momento importante para a história da Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete.

"Eis o momento solene e, juntamente com ele, a beleza sublime deste templo, quando a alma se debruça e o corpo se ajoelha, diante do Sagrado Coração de Jesus, para agradecer-lhe esta grande ventura: a de receber aqui, em seu Santuário, após o ofício da Santa Missa, nosso diploma de Bacharel pela Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete.

Exmo. sr. dr. Paulo Geraldo de Oliveira Medina - Magnífico Diretor da Faculdade de Direito da Fundação Municipal de Ensino Superior.; Exmo. sr. dr. Orlando Adão de Carvalho, DD. Vice Diretor; Exmo. sr. prefeito municipal, Pedro Silva; Exma. sra. dra. Wanda Durão Magagnin, MMA. Juíza da 1ª Vara e estimada professora da nossa Faculdade; Exmo. sr. dr. Dorival Guimarães Pereira, MM. Juiz da 3ª Vara; Exmos. srs. promotores de Justiça, dr. Hélio Roquete, dr. Romano Pirfo; Exmo. sr. Delegado de Polícia; Exmos. srs. membros do Conselho Curador da Fundação Universitária; Exmos. srs. professores da Faculdade; demais componentes desta Augusta Mesa; meus senhores, senhoras; caros colegas.

Antes de tudo, repetindo Demóstenes, em seu discurso a "Oração da Coroa", faço votos a Deus para que, com o mesmo afeto que sempre nutri pela cidade, pela Faculdade e pelos colegas, se manifeste, agora, de vossa parte, a meu respeito, a fim de que, cada qual, possa ficar em perfeita sintonia comigo, acompanhando-me nestas palavras com aquela indispensável tolerância e compreensão.

Clamo, pois, pela vossa bondade para que, com vossos ouvidos complacentes e benignos, possais me ouvir com paciência e julgar-me com a imparcialidade dos justos.

Assim sendo, eu não poderia desejar outra coisa que não fosse a minha melhor palavra e, para tanto, vou buscar lá no fundo do coração a inspiração da minha emoção mais sentida. É assim que eu me dirijo a vós, neste instante: faça-o com sentimento, com carinho e ternura.

Esqueço-me, nesta hora, das preocupações e dos dissabores, das dificuldades e dos contratemplos, dos problemas e de todas as misérias do

caminho.

Quero que minhas palavras caiam mansas, doces e tranquilas, sobre vossos ouvidos, produzindo os efeitos mágicos da música que faz uma carícia e que se transforma nesta mensagem aprovada de palavras amigas, cheias de afeto.

A emoção de um grande acontecimento só é sentida, quando se vive aquela alegria própria de quem soube criar as condições para que ele pudesse acontecer.

E ele aconteceu, sobretudo porque houve uma fé inabalável a embalar o coração de cada um, naquela certeza certa, de que conscientes da nossa capacidade, seríamos necessariamente conduzidos a esta vitória final.

Há quatro anos chegávamos à Faculdade de Direito. Antes de ultrapassar seus umbrais, tivemos o cuidado de admirar-lhe a fachada, sóbria e austera.

Atravessamos seus corredores e ingressamos nas salas de aula. Nelas nos encontramos com os professores e encetamos a grande jornada. Trazíamos o que tínhamos de melhor: a vontade de ser, a convicção plena e absoluta de que os ensinamentos colhidos na área do ensino superior nos seriam altamente benéficos.

Esperávamos que a nossa Faculdade correspondesse plenamente a todos os nossos anseios e sonhos e nos desse aquelas condições mínimas para que pudéssemos desfrutar de melhores oportunidades na luta das competições cotidianas.

As perspectivas eram as melhores. O ensino ministrado se afirmara de alta qualificação. Os mestres se esmeravam num trabalho cheio de desprendimento para que a nova escola superior se firmasse definitivamente. Os bacharéis por ela diplomados demonstravam a boa qualidade do ensino recebido, alcançando nos concursos públicos excelentes classificações, num atestado eloqüente de capacidade e conhecimento. O nome da Faculdade se projetou, tornando-se respeitável. Contingentes cada vez maiores afluíam, e a cada ano afluem para disputar as vagas no vestibular da Faculdade de Direito. Candidatos não só de Lafaiete, como também de tantas outras cidades do Estado.

Os Bacharéis de Direito de 1980, foram uma destas unidades. Hoje, aqui estamos recebendo o nosso pergaminho.

A nossa Faculdade é como a Faculdade de hoje, no dizer de Milton Campos, confunde-se com a praça e é fórum, é campo de lutas, é oficina e é lar. Humanizou-se. Diversamente da Faculdade medieval, transformada num laboratório de idéias, elevada até a sutileza escolástica, hoje a Faculdade não pode tratar o saber como um objeto de luxo. E não pode, porque não se trata apenas do fenômeno da sede universal de conhecimentos que se alastrou pelo mundo, mas antes de tudo estamos diante de uma busca global do conhecimento da verdade, que se tornou um direito humano fundamental. As massas hodiernas estão dispostas a exigi-lo, com a mesma veemência com que se exige o pão que mata a fome.

Dentro desta ordem de idéias, foi uma honra e até mesmo um privilégio

ter o nosso nome escolhido como vosso orador e ser esta voz a que se faz ouvir como arauto de tantas inteligências brilhantes, de tantos corações, cuja riqueza nenhuma balança, nenhum sistema métrico pode medir e pesar, tal a sua magnitude e invisível beleza, beleza esta que só um pintor ou um poeta de inigualável talento poderia vislumbrar e captar.

Hoje é o dia da nossa formatura. Respirando o aroma suave desta noite tão amena e encantadora de dezembro, sentimo-nos como se estivéssemos naqueles suntuosos anfiteatros da Roma antiga. Experimentamos aquela mesma sensação dos heróis que, sob o comando dos clarins e o ruflar dos tambores, galgavam os degraus majestosos e imponentes para receberem os louros da vitória conquistada, brilhante e valentemente nos campos de luta.

É o que está acontecendo conosco. Subimos estes degraus com passos firmes, resolutos caminhamos na direção da mesa para receber do mestre insigne o pergaminho de advogado. Este é o nosso troféu e esta é a nossa enorme responsabilidade.

Estamos agora investidos nas prerrogativas de defensores do Direito, e compete ao advogado “a luta perene e insana que possa assegurar à humanidade: Liberdade, Justiça e Paz.

Liberdade – sob a égide do respeito diuturno aos Direitos do Homem.

Justiça – justa é toda lei que eleva a personalidade humana e injusta toda lei que a diminui.

Paz – que protege o homem comum, permite a perfeita aplicação da Justiça e dá o sentido pleno da liberdade.”

Como advogados, defenderemos o direito do homem perante outros homens, o direito de ser livre, de ser feliz, de aspirar as melhores condições de vida, na magnífica tentativa de superar sempre a sua própria marca para ascender ao maior e ao melhor, como destacava o nosso inexcusável Rui Barbosa e outro não de menor expressão e que fez do direito a bandeira de seu país, qual seja este estadista admirável que foi Abraão Lincoln, exemplo de inteligência, persistência e força de vontade, que o levaram de simples lenhador anônimo à presidência de um grande país.

Como advogados, teremos em nossas mãos a “liberdade do homem, o futuro de uma família, o destino de uma vida”.

Chamados para auxiliar a quem necessita de justiça, deveremos patrocinar as causas com habilidade, dando conselhos e orientando sempre com segurança.

É dever indeclinável do advogado mirar-se nas grandes expressões do passado, exemplos de inteligência e de cultura.

Homens como José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Clóvis Bevilacqua, maravilhosa trindade de ontem, que por sua projeção e nobreza, pelo seu valor humano e cívico, jamais poderiam ser esquecidos.

Não nos esqueçamos, porém, das expressivas sumidades do presente, que de modo algum não deslustram aqueles retratos de ontem. Como exemplo de hoje poderíamos citar as saborosas sentenças de um dos expoentes da magistratura nacional, sentenças que alcançaram grande

repercussão como as exaradas pelo Juiz de Direito Eliezer Rosa, no Rio de Janeiro.

O verdadeiro advogado é aquele que faz de sua profissão a sua meta e o seu sacerdócio; não basta apenas ser erudito em leis; é preciso que ultrapasse com argúcia e inteligência o seu humanismo, o sentido da palavra escrita nos códigos; fazendo deste código um elo, da palavra uma espada, ora flamejante como a de um anjo Gabriel, ora poderosa como a mágica espada de um rei Artur, ou usando o seu conhecimento como a sabedoria de Salomão, o equilíbrio e a imparcialidade de um São Luiz, o rei da França, a flexibilidade e a oportunidade de um causídico, como o nosso Romero, enfim, usando as leis como pede a definição do Direito: - "conjunto de normas de conduta e de organização que, consagradas pelo Estado, se impõe coativamente, visando à disciplina da convivência social".

Estes são os dois objetivos fundamentais do Direito: - Ordenamento de conduta e organização do modo material social de viver.

Em nossos dias, a advocacia se firma como uma necessidade social. Nunca como agora, quando as leis têm sido tão violentadas, tão violadas pelos poderosos e opressores, pelas próprias nações, que, usando a força bruta, se atrevem a tripudiar sobre elas, com resultados sempre altamente funestos para a humanidade.

Como médico, cuja capacidade se mede quando a doença aparece exigindo o seu conhecimento e qualificação, assim é o caos, a criminalidade e a fraudulência, que reclamam irreversivelmente a existência de um paladino do direito: - o advogado. Aquele que pode exercer o poder de coação ao mal instalado nas instituições ou na vida privada do cidadão. Como juiz ou como aquele que aponta a seus pares ou aos jurados, onde está o erro, qual o direito a ser restabelecido em favor do bem comum.

Prezado paraninfo dr. Moacir Navarro: - V. Sa. a marca do mérito incontestê. Sua vida tem sido um apanágio de retidão e honestidade. Promotor de Justiça na década de sessenta, em Conselheiro Lafaiete, foi um dos que ajudaram o inesquecível prof. Astor Viana a fundar nossa faculdade, em maio de 1970, proferindo sua aula inaugural e ocupando, nessa época, a cadeira de Introdução à Ciência do Direito. Atualmente, além de professor de Direito Processual, é Procurador da Justiça, cargo que galgou, após uma brilhante carreira no Ministério Público, ou seja, o último estágio desta carreira. V. Sa. é um educador de peregrinas virtudes, que deixa conosco as fortes marcas de um caráter privilegiado. Sempre foi acolhido com o maior carinho por todos nós, seus paraninfados, contentes com tão eminente atuação do decano dos professores desta Faculdade. Soube ser mestre e amigo, cativando-nos de tal maneira que, para de algum modo externar nossa gratidão e apreço, não vimos outro meio senão o de convidar V. Sa. para nos paranimfar. Agradecemos sua anuência.

Prezado patrono prof. Athenágoras Café Carvalhais: - o professor é o herói; o herói dos heroísmos obscuros e silenciosos, o herói do trabalho de todos os dias e da vida anônima e inglória. Sua recompensa está, porém, no coração do povo e nos frutos de sua missão. Cada aluno que como

cidadão se eleva e se destaca, está elevando um pouco o professor que o formou. No triunfo das gerações que educar está o mais belo triunfo do educador. Por sentir que V. S^a encarna com muita propriedade este conceito, é que nossa turma elegeu seu nome como patrono dos bacharéis deste ano.

Dr. Aristóteles Dutra de Araújo Atheniense: - Rio Novo, uma das muitas e queridas cidades destas montanhas alterosas, nos deu um filho dileto, expressão de cultura e conhecimento jurídico. Dono de um currículo invejável, traz consigo todas as boas qualidades que fazem do homem um protótipo, o exemplo mais exato e mais perfeito a ser seguido. Advogado militante, exercendo preferencialmente a advocacia de Segunda Instância em todas as áreas, tem em sua bagagem títulos e mais títulos dignificantes e participação efetiva em vários congressos nacionais e internacionais, numa estupenda demonstração de capacidade e atividade cultural, ilustrando os meios jurídicos deste país e honrando suas tradições no exterior.

Queremos, porém, destacar sua atuação à frente da Ordem dos Advogados do Brasil, como presidente da seccional em Minas Gerais, reeleito com votação expressiva em pleito recentíssimo. Ressalte-se, ainda, que o ilustre homenageado acaba de ser indicado como um dos dez melhores em concurso patrocinado pelo jornal "Estado de Minas".

Aí está a grande razão por que a turma de bacharéis de 1980 leva o nome do dr. Aristóteles Atheniense. Foi mais um tributo de admiração e respeito outorgado a quem o merece.

Magnífico diretor, dr. Paulo Geraldo de Oliveira Medina: V. S^a tem sido não apenas este incomparável diretor de nossa faculdade, V. S^a é, antes de tudo, uma excelente figura humana dotada dos mais preciosos predicados. O nosso Diretor é possuidor de uma notável oratória e a sua qualidade de tribuno foi o ponto de partida para que ele pudesse se impor e dominar pela admiração que soube nos inspirar. Dr. Medina, jamais poderemos esquecer-lo. Não se esquece de uma pessoa que nos marca indelevelmente, mercê de uma personalidade invulgar. V. S^a é este juiz sereno, equilibrado, humano, culto; V. S^a é este Diretor de mérito, dedicado e atento a tudo que diz respeito à Faculdade. Mas, antes de tudo, V. S^a é o nosso particular amigo, sincero, leal e solidário. O professor que, como amigo, nos ensinou como ninguém a estar na linha de frente em defesa do direito e da liberdade. O amigo que nos ensinou a ter a liberdade da palavra em qualquer circunstância, a liberdade de cada um adorar a Deus de sua própria maneira, a liberdade de estar livre do medo. Somos vossos amigos Dr. Medina, aceite o nosso muito obrigado por tudo.

Aos pais que foram mestres, aos cônjuges e filhos que foram incentivadores, personagens que o anonimato não pode eclipsar, amizade cristã que compreendeu nossa ausência e justificou nossas omissões. Da lágrima ao sorriso, ofereceram o seu indispensável estímulo.

Prezados e estimados colegas: é muito triste a palavra despedida. Ela se associa imediatamente em nosso espírito à idéia desagradável, como separação e saudade. A despedida é o adeus e adeus são cinco letras que choram. E as lágrimas nos brotam do âmago, lá das profundezas do nosso

· mundo interior para que num lamento de dor, possamos acenar chorando o lenço branco da saudade, símbolo que expressa o término de um convívio amigo e camarada nestes tempos de Faculdade.

O nosso muito obrigado à Comissão de Festas que teve na colega Neuma, nossos colegas Vicente e Víctor, o desprendimento e o trabalho insano de nos proporcionar uma belíssima festa.

Finalizando, vamos erguer os olhos, conversemos com Deus, dizendo-lhe assim:

“Senhor,

Por vezes senti-me só, vazio, desesperado, e descri,

E na descrença, ofendi

E na ofensa, tropecei

E no tropeço caí.

E na queda, senti-me fraco,

Fraco procurei socorro,

No socorro encontrei amigos.

Nos amigos, encontrei ensinamentos e carinho

No carinho, vi nascer o amor,

Com amor, vi um mundo novo,

E no mundo novo, resolvi viver.

O que recebi, decidi doar,

Doando alguma coisa, muito recebi,

E recebendo, senti-me feliz,

E ao ser feliz, encontrei a paz.

E tendo paz foi que enxerguei

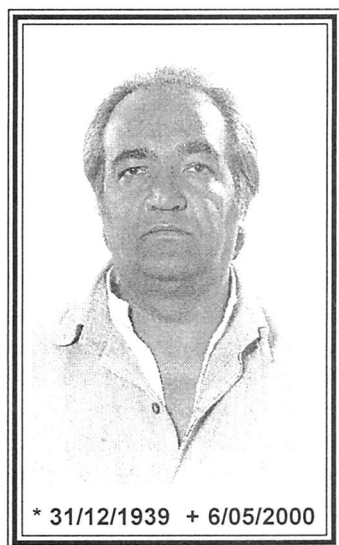
Que dentro de mim é que Tu estavas,

E sem procurar-te

Foi que Te encontrei”.

ADEUS, e Obrigado.

GERALDO AUGUSTO DE FREITAS



O acadêmico Geraldo Augusto de Freitas faleceu a 6 de maio de 2000, aos 60 anos.

Nasceu em Conselheiro Lafaiete, a 31 de dezembro de 1939, filho de Adélia Zebral e José Lunardi de Freitas. Era neto do comerciante Mário Augusto Zebral, um dos precursores do comércio lafaietense, do início deste século, a quem sucedeu como gerente do Super Comaz, o supermercado pioneiro de Lafaiete e região.

Com a segunda mulher, Isabel Pereira, teve dois filhos: Janaína e Geraldo Júnior. Seus filhos do primeiro casamento com Elizabeth de Oliveira

Freitas são: Cláudia, Angélica, Débora e Frederico.

Estudou o curso primário no Domingos Bebiano e no Monsenhor Horta. Neste último, fez também o antigo curso ginásial e o segundo grau (técnico em contabilidade).

Em 1977, graduou-se em Direito pela Faculdade de Conselheiro Lafaiete, da qual foi um dos fundadores e membro do seu primeiro Conselho Curador, além de presidente do Diretório Acadêmico. Em 1998, concluiu seu curso de Licenciatura Plena, na Universidade Castelo Branco-RJ, e, depois, o de Lato Sensu (Universidade Simonsen, na mesma capital fluminense).

Como membro da UCL – União Colegial Lafaietense, tornou-se destacado líder estudantil e teve participação ativa em encontros e congressos regionais, estaduais e nacionais. Foi um dos fundadores e presidente da GGN – Grupo de Gente Nova, entidade que promovia a assistência social nos bairros pobres de Lafaiete.

Desenvolveu uma vida esportiva muito intensa, ao lado de atividades carnavalescas, como fundador e presidente do Engole-Ele. Atuou como diretor de vários clubes esportivos e sociais da cidade, e, ainda, em entidades classistas, como tesoureiro da Associação Comercial de Lafaiete; fundador e presidente do então CDL – Clube de Diretores Lojistas e membro-fundador do Conselho Fiscal da AMIS – Associação

Mineira de Supermercados.

Colaborou na imprensa de Lafaiete, com programas nas rádios locais e artigos nos jornais O Momento, Correio da Semana, O Processo, Panorama, Tribuna do Estado e Jornal da Cidade, sempre com seus inflamados artigos, em defesa das minorias.

Na condição de presidente da Fundação Educacional Prof. Agostinho Evaristo Lana, ajudou a reerguer o Colégio Monsenhor Horta e conseguiu estadualizar esse educandário, em 1985, graças à sua amizade com o ex-governador Tancredo Neves, junto de quem obteve, também, a instalação da 8ª Superintendência Regional de Ensino de Conselheiro Lafaiete.

Como líder político, auxiliou na fundação do antigo MDB em Lafaiete, e integrou o Legislativo local (suplente de vereador, na gestão 1962/1965). Em 1966, ficou como suplente de deputado estadual e, de lá até 1992, foi candidato a prefeito do município, em várias campanhas.

Poeta, seresteiro, idealista ao extremo e filantropo, sempre lutou, de maneira totalmente desprendida, pela melhoria do ensino local e o progresso maior do município, ao lado de líderes comunitários e estudantis, como os professores Astor Vianna e José Luiz Alves Cruz, além de Guilherme Albino, a quem ajudou a trazer a Giustina do Brasil para Lafaiete. Trabalhou ao lado dos prefeitos Abel Rezende Dutra, como diretor do Departamento Administrativo e membro do Departamento Municipal de Transportes Coletivos; Pedro Silva e Vicente Faria, empenhando-se, sempre, no atendimento aos grandes interesses do município, principalmente os ligados à educação e cultura e à ampliação do nosso parque industrial.

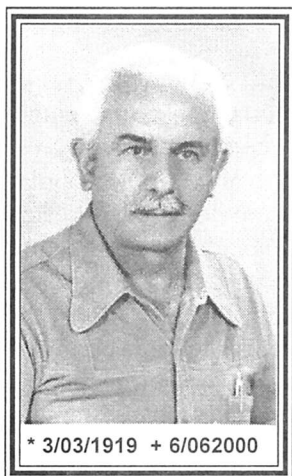
Foi diretor do Colégio Monsenhor Horta e E.E. Monsenhor Horta, onde veio a lecionar OSPB e Moral e Cívica, e ali trabalhou, por fim, na recuperação de alunos, no setor biblioteca.

Fez parte do Lions Clube Lafaiete Alvorada e ajudou a fundar o Lions Centro, do qual foi presidente em dois mandatos. Participou, com trabalhos poéticos da Agenda Santo Antônio de Queluz e em duas antologias Lafaiete em Prosa e Verso. Foi o co-autor, junto com Libânio, da obra que focaliza a história do Monsenhor Horta, lançada em dezembro de 1991.

A memória de Geraldo foi homenageada por Libânio, através de matérias publicadas na imprensa de Lafaiete, na revista da AMIS e jornais Estado de Minas e Diário do Comércio, bem como pela deputada Elaine Matozinhos, em plenário, por sugestão do jornalista Carlo Menezes.

ANTÔNIO PEREIRA

(Tonico da Banca)



Faleceu dia 6 de junho, no hospital da FOB, em Ouro Branco, Antônio Pereira, o conhecido Tonico, dono da Banca do Pereira, instalada ao lado da Faculdade de Direito. O enterro foi no dia seguinte, em Queluzito, às 16 h, e o corpo foi velado no velório Sagrado Coração de Jesus, em Lafaiete. Ele era genitor do acadêmico Antônio Francisco Pereira, juiz federal aposentado, que preside o Conselho Superior da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, em virtude do que a bandeira da ACLCL foi colocada no seu féretro, como homenagem póstuma da entidade.

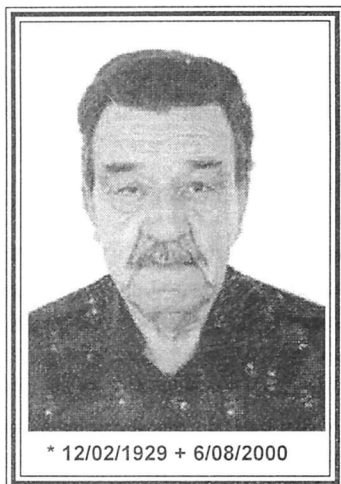
Tonico nasceu em Queluzito a 3 de março de 1919, e, no fim da década de 50, mudou-se para Lafaiete, a fim de poder encaminhar os filhos nos estudos. E foi aí que Antônio Francisco matriculou-se no antigo Monsenhor Horta, depois E.E. Narciso de Queirós. Em Lafaiete, Tonico foi sócio-proprietário do Posto Texaco e da TULA – Transportes Urbanos Lafaietenses. Morou algum tempo em Montes Claros, depois em Belo Horizonte, retornando a Lafaiete, onde, depois de aposentado, foi gerenciar sua banca de revistas instalada, inicialmente, ao lado da igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde, com toda a solicitude e cortesia, atendia à sua ampla clientela cativa, depois transferida para o ponto atual.

Deixa a viúva d. Conceição de Souza com quem foi casado durante 60 anos, e os filhos Maria, Nilton, Antônio Francisco, José, Valter, Valdir, Valtério, Nelson, Vera e Dalva. E deixa mais , além da saudade: um grande exemplo de vida honesta, plena de trabalho.

JOSÉ DA SILVA GOMES

(Borracha)

*Elogio fúnebre por Carlo Menezes
e Alberto Libânio*



A comunidade cultural de Conselheiro Lafaiete ficou empobrecida com a perda do nosso querido e inesquecível maestro José da Silva Gomes, o popular Borracha, que foi um dos fundadores da Banda dos Aposentados Campo Alegre dos Carijós. Durante décadas, ele enriqueceu, com seu talento, diversas corporações musicais da cidade e conjuntos de baile, como músico ou regente e, além disso, foi um cidadão prestante à comunidade, amigo de todas as horas e chefe de família exemplar.

Sadio, robusto, forte, cheio de vigor e em plena atividade, como maestro da nossa Banda dos Aposentados, Borracha teve um mal súbito, ontem à noite, em Belo Horizonte, quando dançava, muito alegre, na festa de 15 anos da sua neta. Socorrido, já chegou sem vida ao hospital, vitimado, possivelmente, por um infarto fulminante. A alegria dos amigos e parentes que estavam na festa se converteu em dor. A festa acabou. E agora, José? Você fez que os risos se transformassem em lágrimas...

A tristeza e a saudade viajaram, depois, de Belo Horizonte para Lafaiete, e, agora, estamos nós, aqui, para prantear sua memória e chorar sua ausência.

Em nome da Banda dos Aposentados, faço este dolorido elogio fúnebre ao querido amigo e companheiro Borracha, que foi quem mais me estimulou a aceitar o cargo de diretor de cultura e de comunicação social dessa valorosa corporação musical, que vem promovendo o nome da nossa cidade, em toda Minas Gerais, desde quando sagrou-se campeã do último Concurso Estadual de Bandas, promovido pela Secretaria da Cultura, graças aos esforços do seu maior líder, que a tornou a melhor Banda do Estado, até hoje inigualada.

E eu lhes falo, também, como representante da ULA - União dos Lafaietenses e Amigos, entidade da qual sou diretor cultural, e em nome

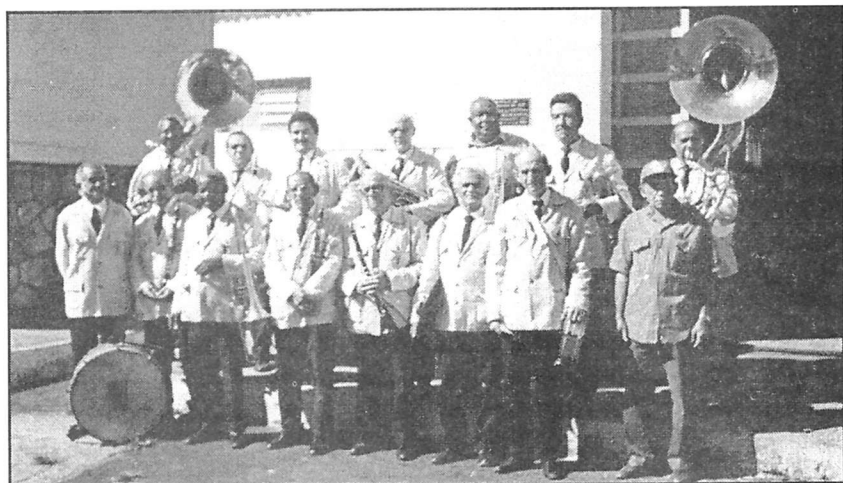
da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, como membro do seu Conselho Superior. Nossa Academia de Letras presta exéquias ao amigo Borracha, porque a Banda dos Aposentados e esta entidade literária sempre estiveram irmanadas no mesmo ideal de promover a arte musical da Terra dos Carijós. Ambas as entidades funcionaram no mesmo prédio da Casa de Cultura, como boas vizinhas e amigas e, além disso, a Banda dos Aposentados, sob a batuta do já saudoso Borracha, se apresentou, com brilhantismo, na solenidade de instalação da nossa Academia, a 19 de setembro de 1993 e, depois, em inúmeros outros eventos. Como se isso não bastasse, o presidente da nossa Academia, prof. Alberto Libânio Rodrigues, cedeu espaço para a divulgação da Banda dos Aposentados na mesma home-page da ACLCL. Aí está, senhoras e senhores, mais uma das razões para que a bandeira da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette esteja aqui presente, acompanhando o féretro do maestro e mentor da Banda dos Aposentados Campo Alegre dos Carijós.

Essa mesma banda teve, há poucos dias, uma outra baixa em suas fileiras, com a morte do notável músico octogenário Amarello Fernandes, que tocava os pratos, o estimado e conhecido "seu" Murilo, amigo inseparável de Borracha, no mundo terreno e, agora, mais do que nunca, estão ligados, como bons vizinhos, no condomínio celestial e eternos companheiros na academia de música da vida espiritual, que tem Deus como regente maior. Consola-nos saber que, enquanto vamos perdendo músicos aqui na Terra, o Paraíso começa a formar sua orquestra, que conta com mais dois remanescentes da nossa Banda dos Aposentados, cuja filial, no céu, ainda não tinha entrado em atividade, porque estava esperando a chegada do seu maestro. Agora, ela já pode tocar, porque o regente está pronto para comandar o primeiro ensaio.

Ele, que sempre brilhou aqui na Terra, será uma das estrelas que estarão brilhando, a partir de hoje à noite, no céu da nossa Lafaiete, ao som de valsas, rumbas, sambas, chorinhos, boleros e tangos, na pista de danças ricamente iluminada pelo pó de estrelas que forma a Via Láctea. E "pó de estrelas" - Stardust, em inglês -, era uma das músicas prediletas do maestro Borracha, que ele estará executando, a partir de hoje, para todo o sempre, no baile das estrelas, juntamente com seu bom companheiro Murilo e com os demais integrantes da Banda dos Aposentados que estavam aguardando, no plano espiritual, há algum tempo, a chegada do seu insubstituível maestro. O céu está vibrando de alegria, e os clarins ecoam por toda parte, saudando a entrada triunfal de José da Silva Gomes.

Pois é, amigo Borracha, você, depois de cumprir sua missão na Banda dos Aposentados, inicia uma nova fase, como regente da Banda Celestial, cujos acordes irão reverberar em nossos corações e mentes, até que possamos nos unir a você.

Adeus, caro amigo! Jamais o esqueceremos! Haverá sempre um lugar de destaque para você, em nossos corações e em nossas orações. Agora, segure firme na batuta e na mão de Deus. E vá!"

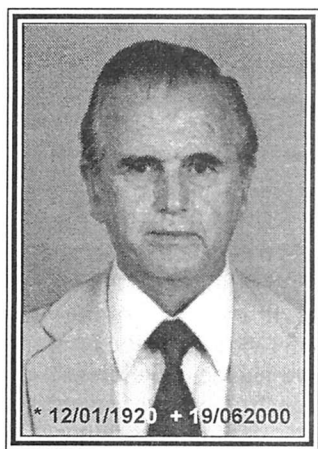


Integrantes da Banda dos Aposentados Campo Alegre dos Carijós.



José da Silva Gomes, (Borracha), e o jornalista e acadêmico Carlo Menezes, na Praça da Liberdade, por ocasião do Encontro de Bandas em Belo Horizonte

JOÃO MOREIRA DOS REIS



Nasceu no distrito de Abreus, município de Alto Rio Doce, a 12 de janeiro de 1920, filho de João Pereira Neves e Idalina Moreira dos Reis e faleceu, em BH, a 19 de junho.

Era irmão de Pedro Pereira Neves (falecido em agosto de 2000) e de monsenhor José Sebastião Moreira. Passou a infância em Cipotânea, então distrito de Alto Rio Doce, tendo ali cursado os primeiros anos da escola. Ingressou no seminário de Mariana, com estudos voltados para a área de humanidades.

Egresso do seminário, passou a residir em Lafaiete, tendo lecionado Latim e História,

por alguns anos, no Ginásio Monsenhor Horta e no Colégio Nossa Senhora de Nazaré.

Em 1945, ingressou, por concurso, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), trabalhando, inicialmente, em Alto Rio Doce e, depois, em Belo Horizonte, na Delegacia de Minas Gerais, onde veio a se aposentar, em 1990, como gerente administrativo.

Nesses 45 anos de serviço, foi, algumas vezes, convocado para colaborar com o poder público, tendo, inclusive, chefiado o gabinete do Secretário de Viação e Obras Públicas.

Atuou como prefeito municipal de Alto Rio Doce por duas vezes (1950/54 e 1966/70), tendo revolucionado a administração daquela cidade, com a construção do prédio da prefeitura municipal, inauguração da agência da Caixa Econômica Federal, criação do Posto de Saúde e do armazém da COAP, assim como o escritório da ACAR (Emater), além de promover a emancipação do distrito de Cipotânea.

Ciente de que a cultura é o sustentáculo do progresso, fez do ensino a base de toda sua administração: criou o Ginásio Municipal em Alto Rio Doce, suprindo a grande carência da região, e, no segundo mandato, o curso normal, além de ter espalhado escolas por toda a zona rural.

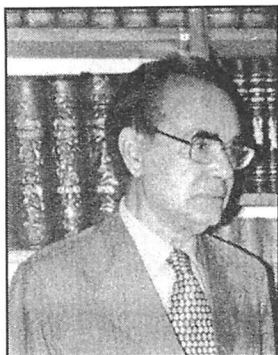
Procurou estimular atividades cívicas e culturais, além da prática de esportes e restaurar a publicação do jornal, dotou a cidade de uma praça de esportes e reorganizou a orquestra.

Gostava de escrever. O apego às origens e o amor à sua terra fizeram com que retratasse lembranças da infância e de fatos pitorescos, tanto em Cipotânea como em Alto Rio Doce, em crônicas e contos, que deixou sem publicar.

CENTENÁRIO DE 2000

Maestro José Maria da Rocha Ferreira

(Patrono da cadeira 47 da ACLCL, ocupada pelo médico e acadêmico Artur Laízo)



Nasceu em Gagé em 20/11/1900, e faleceu em São Paulo em 20/01/1983. Era filho de Turíbio Antônio Ferreira e Maria da Conceição Rocha.

Aos doze anos matriculou-se nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo/MG. Continuou os estudos em Lavrinhas/SP, e formou-se em Direito pela Universidade de Pelotas/RS.

Foi professor, maestro, pianista, organista, crítico literário, professor de língua portuguesa e compositor.

Foi organista e diretor de Corais Salesianos. Dirigiu o Coral do Santuário do Coração de Jesus(SP), tendo sido seu organista. Fundou e dirigiu a orquestra sinfônica Francisco Braga em Bagé/RS. 1º Organista da Matriz de Nossa Senhora do Brasil, Jardim América-SP e professor do Conservatório de Música de São Paulo.

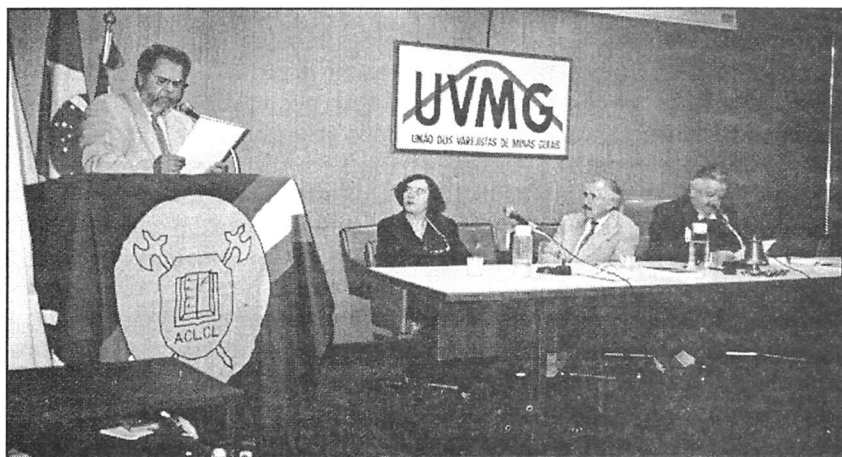
Sua obra musical erudita é conhecida internacionalmente, tendo várias de suas peças, (principalmente sacras), executadas por orquestras de diversos países. **Obras Principais: (na música)** Sacras, Missa "Te Christe Supplices", Missa Dom Bosco, Requiem, Minuisti eum, Ecce Sacerdus, Je veux marcher, Canto nupcial, Prelúdios (2), Motetes Sacros e Seis Ave-Marias. **Profanas:** O amor tudo vence" (opereta), Terra do Cruzeiro (canção-marcha militar), Rumo a Brasília (marcha), Minas, terra sagrada, No Solar de Marília, Doce Luar de Pampulha, Intermezzo, Ao Por do Sol; Suíte Infantil. **Tema com Variações:** Queluz, Berço Natal, dentre outras, tendo sido apresentada uma de suas músicas no antigo programa de televisão, "Concertos para a Juventude".

*A vida - Ai! - Nem sempre
traduz só alegria;
mas a virtude é fonte
de célica harmonia.*

Sua vida refletiu a mensagem de seus versos; foi um homem virtuoso e carismático; seus dedos dedilhavam o piano com maestria e encantavam a todos que o ouviam e sua genialidade deixou fortes marcas na beleza de suas composições musicais.

NOVOS ACADÊMICOS EFETIVOS

Discurso do Acadêmico Edézio Teixeira de Carvalho



Edézio fez seu discurso assistido pela acadêmica (e deputada estadual) Elaine Matozinhos, juiz Antônio Francisco Pereira e o presidente Libânio, em 27/04/2000

SENHORAS E SENHORES:

Só a generosidade dos presentes, que adivinho com segurança, poderia dar-me a certeza e tranqüilidade de uma recepção calorosa e desproporcional ao escasso mérito que me traz ao convívio daqueles que dia a dia constroem a grandeza desta Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafaiete. Prometo economizar palavras em benefício dos que estão aqui também à procura de um ameno contato a mais com seus colegas e amigos, e que não tenha de ser substituído pelo sussurro educado entre as pausas do orador.

Gostaria de fixar nesta abertura que a geologia, com seus ciclos intermináveis, enquanto não se esgota o combustível da radioatividade natural, disseminada nas rochas do manto, faz de nós partícipes de uma irmandade sobre a qual a ciência, a razão, a filosofia e as próprias exegeses inspiradas dos textos religiosos não chamaram a atenção dos homens: tem, cada um de nós, alguns átomos ou pelo menos elétrons, que participaram como tijolos primordiais da construção da Terra, não

aqueles que sempre estiveram transitando próximo da superfície, o que não encerraria novidade alguma, mas aqueles que pelo processo geológico foram trazidos de profundezas contadas em milhares de quilômetros. Na perfeita reciclagem natural dos materiais, somos herdeiros dos trilobitas, dos dinossauros e do mamute. Somos também herdeiros do lepidodendron e da sigilária e irmãos da sequóia e do eucalipto. Para os que professamos a religião cristã deve ser motivo de fervor maior saber que podemos estar neste momento “usando” alguns átomos que compuseram o corpo humanizado de Cristo, e os de outras religiões também os que compuseram o corpo de seus santos e profetas. Mas, a fazer-nos refletir sobre a natureza da vida, também compartilhamos átomos com o tirano, o ditador, o comandante do genocídio, cujos nomes não podem ser esquecidos, mas que não merecem ser lembrados aqui.

Foi motivo de singular euforia, e de preocupação também, para mim, ter recebido o convite para integrar esta Academia em conseqüência de ter chegado, pelas mãos do meu irmão Antônio, uma despreziosa coletânea de textos reunidos num volume em espiral às mãos de seu Presidente, o ilustre professor Alberto Libânio Rodrigues. A euforia, pela generosidade de um reconhecimento súbito, inesperado, vindo de um dos pilares da cultura da terra minha e de meus pais. Mas a preocupação também, nutrida no espírito pouco dado às luzes da notoriedade, e cômico das profundas limitações pessoais, de não estar à altura da grande responsabilidade que é pertencer a uma academia tão prestigiada. Pedi então ao professor Libânio que esperássemos a publicação de meu primeiro trabalho de cunho não marcado pela rigidez e formalidade do texto técnico-científico. Não faço aqui o elogio do Presidente Alberto Libânio Rodrigues, cujo perfil é certamente muito mais conhecido da maioria dos presentes que de mim mesmo. Todavia devo de público agradecer-lhe por um lado a confiança e por outro o grande estímulo que me fez trazer à luz finalmente o projeto há tantos anos alentado, assim sem muita convicção, e portanto dependente de um decisivo empurrão. Seria esta circunstância por mim vivida, toda ela originada do estímulo do Professor Libânio, um dos pontos centrais do merecido elogio que, se fosse o caso e, se tivesse engenho e arte, eu lhe faria.

Detenho-me agora, e ainda tão concisamente, na figura do titular da Cadeira 44, que hoje passo a ocupar, o Geógrafo e Engenheiro Waldemar Alves Baêta.

Nascido em Queluz de Minas, no dia 29 de outubro de 1894, filho de Joaquim José Alves Baêta e de Fortunata Cândida Baêta, faleceu em 13 de novembro de 1978.

Fez o Curso Fundamental em sua cidade natal e aos 16 anos foi cursar o ginásio em Ouro Preto, onde se formou engenheiro em 1921.

Fez muitos cursos de pós-graduação no Rio de Janeiro e trabalhou na Comissão Geográfica do Estado de Minas Gerais. Em suas atividades,

ultrapassou as fronteiras de Minas, estabelecendo os limites entre Brasil e Bolívia, além de participar, em vários outros pontos, da divisão e do mapeamento do território brasileiro.

Foi, também, engenheiro da Estrada de Ferro Central do Brasil e da Rede Mineira de Viação, onde se aposentou em junho de 1.956. Recebeu medalha de ouro por sua invenção de “Cadeados para estrada de ferro”, usados até hoje no mundo inteiro. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e fundou a Sociedade Orquidófila de Minas Gerais. Colecionava pedras e borboletas, por ele cuidadosamente classificadas, e tinha grande amor à Natureza.

Publicou um dicionário indígena da língua dos botocudos, com 3.500 vocábulos. Poeta de boa verve, suas poesias foram publicadas no “Correio da Semana” de Conselheiro Lafaiete. Dessa produção faz parte o soneto que reproduzo.

IDEAL

Se eu tivesse um poder Onipotente
Para florir as minhas ilusões,
Dar-te-ia asas brancas e, contente,
Confundindo num só, dois corações,

Voaria, sorrindo, o céu silente.
E lá do azul a murmurar canções
Veríamos a terra, o sol ridente
E, a nosso pés, brincarem vibrações...

Entre carinhos, músicas e flores,
As nossas duas vidas abraçadas
Cingidas pelas fitas de mil cores,

Cantaríamos a música dos beijos,
Eterno canto de almas namoradas
Que florescem sorrindo entre os harpejos.

Os dados que me chegaram às mãos revelam uma abrangência dificilmente igualada pelos currículos dos homens de ciência do presente, que costumam ser estreitos, verticais, profundos, bem afeiçoados ao domínio mundial dos estadunidenses com seu pragmatismo mortal. Em Waldemar Alves Baêta a influência da cultura européia está nítida no perfil que se aproxima de um naturalista do século passado, preferencialmente francês, talvez influenciado pela Escola de Minas de Ouro Preto, mas também (como não?) inglês ou alemão. Mas há algo a diferenciá-lo da maioria desses, e compondo o perfil do brasileiro culto,

que, sem os atrelamentos automáticos, que poderiam ter sido evitados, à cultura técnica de outros povos, poderia ter alcançado o que hoje parece cada vez mais distante da realização: A construção de uma nação verdadeiramente soberana e poderosa, mas não dotada desse poder de impor aos outros a sua Verdade, a sua Vontade, o seu Vigor demonstrado nos mísseis que cruzam os céus a imporem mais que a ordem, a nova “pax romana”. Essas diferenças notam-se (reletem-me as outras nacionalidades o ufanismo talvez exagerado) na capacidade, só exponencializada nos brasileiros, de sermos líricos como na construção do soneto “Ideal” e práticos como na invenção de um engate ferroviário sem o qual as ferrovias seriam um meio de transporte muito menos seguro e eficiente.

Em Waldemar Alves Baêta, portanto, encontramos num só perfil a capacidade (também) de ser tão pragmático como o anglo-saxão, de ser tão atento quanto os europeus para as coisas aparentemente sempre iguais que compõem a natureza – flores, pedras, animais – e para as categorias superiores formadas por essas flores, pedras e animais, determinando as características únicas e peculiares de um território. Leio presentemente um livro de estadunidenses, de onde tenho retirado críticas insuspeitas ao modelo de desenvolvimento comandado no presente de sua pátria. Numa das inúmeras passagens interessantes dizem eles que a Humanidade é capaz de conviver com a sua própria estupidez por longos períodos. De terceiros citam que “toda invenção representa uma súbita cessação da estupidez”. Com sua invenção Waldemar Alves Baêta produziu um desses momentos mágicos de rompimento brusco com a estupidez reinante precedentemente.

De seu currículo informal, traçado por sua filha Emery, tomamos conhecimento de que ele produziu muitos outros momentos mágicos, desde os 9 anos de idade, construindo, entre outras pequenas maravilhas, um teleférico que transportava verduras da horta para a janela da cozinha, uma pilha seca que acionava uma cigarra doméstica, um projetor improvisado com lente que ganhara em troca de embalagens de cigarro. Neste ponto oferece-nos a trajetória infanto-juvenil de Waldemar Alves Baêta um ponto de reflexão profunda sobre o nosso sistema educacional. Estaria tal sistema, hoje, de fato, preparado para recolher a criatividade ilimitada de nossas crianças e desenvolvê-la nas trilhas que cada um já descobriu? Não estará o nosso sistema educacional mais preparado para amordaçar o pendor natural, sufocando-o com um emplastro homogeneizante e estupidificante? Às vezes, na maioria das crianças, a curiosidade e conseqüente criatividade são como coriscos que relampagueiam na escuridão, movendo-as a uma ação que encontra logo a objeção da babá, dos irmãos mais velhos, dos pais, dos professores, porque essa ação sem referência é muitas vezes revestida de características “anormais” ou “anti-sociais” (“o que é isto, menino? Deixe

disso, menino! É cedo para isto, menino!”). A Escola, a Universidade e a Vida cotidiana põem cada um de nós a contemplar a terra, a natureza enfim, por uma só e estreita janela. Dizem a Escola, a Universidade e a Vida, principalmente urbana, que temos de estar bem instrumentalizados para nosso ofício, mas só para ele. Dão-nos portanto o ferramental do médico, engenheiro, advogado, sociólogo, e assim por diante. Resultado? Cada um de nós passa a dar valor maior à nossa ferramenta de atuação sobre a natureza física e humana da terra, e tantas vezes nenhum valor a essas próprias naturezas, que é o que realmente importa.

Waldemar Alves Baêta foi desde criança o oposto do produto do sistema educacional hoje vigente, aqui e alhures, que cassa a liberdade, que sufoca a criatividade, que censura a opinião. Para concluir este tosco alinhavado, direi que escolhi, entre os todos ilustríssimos nomes a mim apresentados, o de Waldemar Alves Baêta como num dos misteriosos casos de “amor à primeira vista”. Só mais tarde descubro que o currículo do curso que ele fez, obtendo os títulos de engenheiro topógrafo e agrimensor, engenheiro geógrafo e astrônomo, engenheiro civil e de minas, manteve a marca da preocupação com a totalidade até os tempos, já quase remotos, da década de 60, quando cursei geologia, na mesma Escola de Minas da atual Universidade Federal de Ouro Preto. Lá estão a Mecânica Racional, o Direito, a Economia Política e Financeira, Botânica e Zoologia, que hoje, lamentavelmente, não parecem ter muito a ver com os nossos cursos de engenharia e mesmo de geologia. Portanto, a objetividade seca e sem criação, retirou o melhor dessas disciplinas, “marginais” e está fazendo profissionais secos, objetivos, eficientes, mas, não diria desumanos, carentes de valores humanísticos, que seriam preciosos para a superação dos problemas gerais que nos afligem nesta difícil quadra de nossa história.

Ainda desse livro acima citado, intitulado *Natural Capitalism*, argumentam seus autores (Paul Hawken, Amory & L. Hunter Lovins) que uma das características mais marcantes, e mais terríveis, do modelo econômico atual, imposto a todo o mundo, é a obsessiva busca da produtividade do trabalho em clara oposição com a absoluta falta de preocupação com a produtividade dos recursos naturais. Assim, concluem que o homem é desgastado no trabalho física ou mentalmente estafante, enquanto os recursos naturais são irresponsavelmente dilapidados. As duas conseqüências mais diretas dessas características do desenvolvimento atual são o estreitamento das oportunidades de trabalho, gerando desemprego, e o esgotamento precoce dos recursos naturais e dos demais valores da terra como fonte de sustentabilidade a garantir a sobrevivência da humanidade.

Eis, portanto, senhoras e senhores, que lhes digo: os ciclos das civilizações, em tempos muito mais curtos, reproduzem de certa forma os ciclos naturais e particularmente os geológicos, caracterizados por

sucessões cíclicas de construção e destruição. Os homens alcançaram uma tal capacidade de interferir no ciclo geológico que pensam ser capazes de voltar no tempo, quando bem quiserem, corrigindo todo o malfeito. Equivocadamente, como o time de futebol acomodado, pensam que podem fazer o gol redentor, quando bem quiserem. A realidade todavia mostra que os ponteiros do relógio movem-se tão rapidamente quanto as águas do riacho.

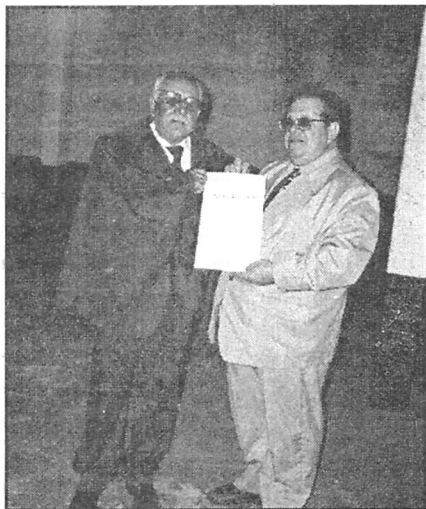
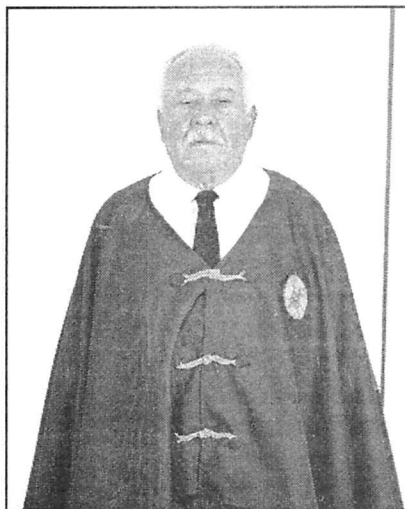
Embora sem ter-me beneficiado de um convívio em vida com o meu patrono, agora tenho certeza de que recupero tempo, buscando nesse perfil tão raro nos dias atuais, quão necessário à humanidade, orientação para a vida e inspiração de valor maior para os meus futuros escritos.

Não poderia encerrar esta oração sem falar dos familiares e amigos, presentes ou não: quis Deus que eu tivesse nesta terra os melhores pais, a melhor esposa e as melhores filhas, os melhores tios e primos, os melhores irmãos, sobrinhos, os melhores sogros e cunhados; os melhores professores, colegas de profissão e de trabalho. Assim a vida, por mercê de Deus, tem-me sido sempre risonha, ainda que, como a todos os seres humanos, reservando-me os momentos de tristeza das separações definitivas. A todos os que convivem comigo, e que já conviveram, o meu melhor agradecimento. Em Conselheiro Lafaiete e Ouro Branco e no meu torrão natal, Itaverava, e nos adotivos Mariana e Furquim, Ouro Preto, Ponte Nova, Belo Horizonte, tenho-os incontáveis entre parentes e amigos. Não sei todos os seus nomes e sobrenomes, mas são na região de Conselheiro Lafaiete dos numerosos Costa Carvalho, dos Ávila, Teixeira, Pena, Nascimento, Chaves, entre tantos outros. Espero representá-los com dignidade.

Da família geológica, espalhada pelo Brasil inteiro e mundo afora, recebi a missão de fazer a minha pequena parte, e penso que neste ato, nesta solenidade, neste momento em que esta ciência maior é chamada a promover uma fecunda reaproximação entre o Homem e a Terra, estou fazendo modestamente um pouco disto.

Muito obrigado a todos.

Discurso de posse do acadêmico Victor Menezes de Faria



Posse de Victor Menezes na ACLCL, como membro efetivo em 1º/07 de 2000, na Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete

Excelentíssimo senhor professor Alberto Libânio Rodrigues, presidente da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, em nome de quem saúdo os demais membros da Mesa de Honra.

Meu colega neo-acadêmico, médico e escritor Artur Laízo, que é empossado junto comigo, nesta sessão solene.

Prezados amigos, meus familiares, acadêmicos e autoridades. Senhoras e senhores.

Quero, em princípio, enaltecer esta egrégia Academia de Letras, pela forma como sabe descobrir, valorizar e imortalizar os talentos locais, e que, num curto espaço de tempo, vem, por todas as formas, incansavelmente, proporcionar aos cultores das letras o ensejo de vê-las inseridas na série de antologias já publicadas, nas quais a marca do seu talento estará registrada pelos anos afora!

Meus parabéns ao prof. Libânio e à d. Cleonice, idealizadores e realizadores desta forma de luz escrita, que já brilha em cinco magníficas antologias.

Tenho oitenta e um anos de existência, bem vividos, às vezes, sofridos, mas sou feliz, graças a Deus! Ao longo da vida, muitas surpresas nos são reservadas e o ingresso nesta Academia é uma delas. Receber desta augusta Mesa o diploma de membro-efetivo da Academia de Ciências de Letras de Conselheiro Lafayette é motivo de orgulho não só para mim, mas também para meus familiares e amigos, com quem quero partilhar esta homenagem. Muito obrigado a todos!

Devo revelar que o único diploma que possuo, na área escolar, é o do curso primário. No mais, aprendi alguma coisa na escola da vida, e, um dia, me descobri poeta e escritor, em meio aos horrores da II Grande Guerra.

Conforta-me saber que esta nobre Academia, pela sensibilidade dos seus lúcidos diretores, não está preocupada, apenas, com o peso dos títulos e diplomas que seus membros carregam, porque abre espaços também para os simples e despretensiosos autodidatas como eu, que tentam aprender o melhor que podem nesta universidade aberta que a vida nos oferece. Ademais, fazer poesia e literatura não pode ser aprendido na escola formal, porque é um dom divino. E eu, tão-somente um aprendiz de poeta e escritor, sinto-me banhado em luz pelo Criador, quando pego na caneta para tentar recriar o mundo.

É por isso que me sinto bem à vontade para assumir minha cadeira neste sodalício, com o compromisso, entretanto, de buscar, dentro das limitações naturais, o aperfeiçoamento constante das minhas frases simples e dos meus modestos versos.

Sinto-me bastante à vontade, também, para falar do patrono da cadeira 76, o músico, ferroviário e poeta Joaquim Laporte, que foi meu amigo particular.

Ele nasceu em Conselheiro Lafaiete, a 3 de novembro de 1910, filho do italiano Giuseppe Laporte e de d. Felicina Righi. Depois de aposentado, mudou-se para São Paulo, onde faleceu. Autodidata, filósofo nato, poeta e escritor, com ele tive a honra de conviver; não somente na antiga Central do Brasil, onde fomos colegas de árduo trabalho, nas hoje quase esquecidas “Marias-Fumaças”, implantadoras do progresso, nos mais longínquos recantos deste imenso Brasil.

Fiz parte do seu conjunto musical, que alegrava as noites dançantes, na Sociedade Musical Santa Cecília, na década de 1950, e que abrilhantava os bailes do Primavera Clube. Joaquim tocava, e muito bem, diversos instrumentos de sopro, destacando-se o saxofone. Foi, também, regente da banda musical do então padre Moreira, na década de 30, na Paróquia de São Sebastião, da qual quase todos os integrantes eram remanescentes da antiga Banda de Música Centro Operário. Teve peças encenadas em teatros da capital paulista e publicou os livros “Os sem-horizontes”

e “Mulheres e ratos”. Era filiado à União Brasileira dos Escritores.

Muitas outras lembranças guardamos daquele grande goleiro do Meridional, na década de 1940, quando o Meri chegou a derrotar o palestra Itália, hoje Cruzeiro Futebol Clube. Joaquim fez jogadas inesquecíveis, que fariam inveja ao futebol de hoje.

Nasceu e morreu antes do tempo, mas suas glórias serão lembradas para sempre, não só na memória das gerações que o sucederem, mas também porque Joaquim Laporte foi imortalizado no panteão desta Academia, como patrono da Cadeira 76.

Dos três trabalhos de autoria de Joaquim Laporte, contidos na Antologia Poetas Queluzianos e Lafaietenses, página 140, escolho o soneto que ele dedica à memória do seu amigo Heitor Nunes, que também conheci bastante, e que, diga-se de passagem, foi poeta e filósofo, um boêmio culto e irreverente, que também é patrono de uma das cadeiras desta douta Academia. Eis o soneto:

À memória do inesquecível Heitor Nunes

Vês, como tão depressa envelhecemos,
Passou por nós a vida, num momento,
E buscando viver – oh! não vivemos,
Senão entre dor, lágrimas, tormento.

Ao passado, se triste olhar volvemos,
Vêm-nos meigas visões ao pensamento,
E vamos, entre angústia e sofrimento,
À cova rasa em que nos abriguemos.

Áspera foi tão longa caminhada,
E os pés sangraram pela árdua jornada...
Mas, se na vida foi tão dura a sorte

E a certeza que o Bem está na morte,
Tivemos a nos consolar o abrigo
Encontrado em teu coração de amigo.

Ocupando, com humildade e reconhecimento, esta Cadeira, cujo patrono foi exímio poeta e um profundo conhecedor da Língua Pátria, verdadeiro mestre na arte de manejá-la ao sabor de quem sabe exatamente o que está fazendo, reverencio sua memória e procurarei estar à altura de seus exemplos e conhecimentos.

De acordo com o ritual deste Ateneu lafaietense, cumpre-me,

também, saudar a memória do meu antecessor nesta Cadeira, o poeta, advogado, político e odontólogo, Odilon do Amaral Bhering, que, tendo tomado posse no dia da fundação desta Academia, a 19 de setembro de 1993, faleceu a 11 de janeiro deste ano, depois de cruel enfermidade, deixando uma grande lacuna nos meios culturais, políticos e sociais da nossa cidade.

Odilon nasceu em Lafaiete, dia 1º de dezembro de 1928, filho de Olga do Amaral Bhering e do famoso médico Victor Bhering, que atendeu a muitas gerações de lafaietenses, era membro-efetivo da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, como ocupante da cadeira 76, que tinha como patrono o escritor Joaquim Laporte, que foi seu amigo particular. Sua irmã, Isa Bhering Stein, foi uma grande professora, poetisa e escritora. Odilon era um líder político nato, tendo atuado como vereador e presidente da Câmara.

Homem verdadeiramente comprometido com a cultura e a vida pública, Odilon foi odontólogo e, depois, formou-se em Direito, tudo isso, em paralelo à sua destacada atuação como político. Manteve, muitos anos, na Rádio Carijós, um programa dominical de grande audiência, o “Boa tarde para você”, em que ele lia crônicas e poemas de sua autoria e os enviados pelos ouvintes.

Devo a três pessoas, distintamente, a razão, de estar, hoje, sendo diplomado na condição de membro-efetivo desta Casa: à minha falecida esposa, professora Virgínia Barbosa de Faria, que foi a revisora dos meus primeiros escritos, e minha grande incentivadora; ao emérito professor e presidente desta Academia, Alberto Libânio Rodrigues, que, através do jornal Panorama, desde 1978, sempre me acolheu, com presteza, fazendo publicar diversos trabalhos meus, e, num gesto de máxima atenção, indicou, junto da escritora Avelina Noronha, meu modesto nome para ocupar um lugar neste reduto do saber. Agradeço, duplamente, à professora e acadêmica Avelina Noronha de Almeida, que, perguntou-me, um dia, se eu consentiria fosse publicada a poesia Abril, em sua antologia, Poetas Queluzianos e Lafaietenses, uma grande honra para mim, porque me abriu novas portas. Por fim, agradeço aos meus filhos, noras, genros e netos, pelo estímulo constante e o carinho que têm dedicado a mim.

Todos nós recebemos um cérebro dotado de força e inteligência potenciais, ressalvados os casos excepcionais. O crescimento, a educação e o estudo em seus mais variados escalões, até a formação final na profissão escolhida, transformarão aquele cérebro, aperfeiçoando-o, constantemente. Assim burilado e altamente competitivo, é, sem dúvida, o primeiro, o maior e o melhor computador a serviço do homem, e é sabido que apenas uma pequena parte do nosso cérebro é utilizada, ficando

o restante, como reserva, ou porque o homem ainda não pôde descobrir essa parte.

O manganês, no seu estado bruto, vale pouco. Industrializado sofre uma mutação radical, triplica seu valor primitivo e é vendido por um preço altíssimo.

O ouro, a prata e outros metais preciosos, saindo do seu estado natural, transformados pela mão do homem, se enriquecem e beneficiam a humanidade nas suas mais complexas formas de utilização, inclusive na Medicina.

As pedras preciosas brutas, ansiosamente buscadas por ousados aventureiros, depois de trabalhadas pelas mãos mágicas do artífice, tornam-se requintadas e cobiçadas jóias. O cascalho disforme, feio e cheio de arestas, que, a capricho da própria natureza, é deslocado e acolhido no leito de um rio, rolando águas afora, arredonda-se e se torna polido, harmônico e de agradável aspecto.

Da mesma maneira que aquela pedra bruta colhida na mina ou rolada nas águas do rio se transformou, nós também, ao rolarmos pelas correntezas da vida, dia após dia, nos arredondamos e nos aperfeiçoamos um pouco.

Na velha Queluz, existia o Ginásio Queluziano, que ainda conheci funcionando, no início da década de trinta, e que tinha anexo o Tiro de Guerra nº 287, numa rivalidade constante e saudável com o TG 405. Cada qual se esmerava, de todas as formas, para ser sempre o melhor. E lembro-me, bem, de alguns alunos da época: João Nogueira de Rezende, hoje ministro do TCU, que também pertence à ACLCL; José Jorge Mafuz, patrono de uma das cadeiras desta entidade, Elias Romanos e outros.

Extinto o Ginásio Queluziano, ficamos, muitos de nós, sem poder continuar os estudos, além do primário. Os menos favorecidos, sem condições de se deslocar para outras cidades, em busca de uma melhor formação, não tiveram outro recurso senão o de começar a trabalhar. Houve para uns poucos, como no meu caso, a opção de continuar os estudos, numa escola noturna, particular. Entrei, então, para a escola do professor Argemiro Gonzaga, com quem aprendi grandes lições do ensino formal e também de vida.

No meu entendimento, existem três condições básicas para a formação do caráter e da personalidade do ser humano: persistência, compreensão e dever.

A persistência, aprendi com meu saudoso pai, que, em poucas palavras, disse-me: “Se você não vai estudar, então vou arranjar um emprego para você. Tenho certeza, entretanto, de que você não vai ficar nele nem quinze dias”. Isso calou fundo em mim, e eu me dispus a

trabalhar duro. Passei cerca de dois sofridos anos atrás do balcão de uma vendinha de secos e molhados. Dali, saí para trabalhar na Central do Brasil, em 1934, como aprendiz, sem remuneração, e foi assim que compreendi o que era persistência.

A segunda lição veio com meu mestre, professor Argemiro Gonzaga, de quem já falei anteriormente. Numa de suas aulas, chamou-me à atenção. Fechei-me e, baixando a cabeça, resolvi não tomar conhecimento do que o professor dizia. Ele veio até minha carteira, parou à frente, e, com seu vozeirão, disse: “Victor, eu lhe chamei à atenção, você “fechou a cara” e baixou a cabeça, procurando ignorar minha aula... Lembre-se de que este mundo é um circo, onde nós somos os palhaços!”

Aprendi a lição e passei a saber o que era compreensão.

A terceira, quando fazia o Tiro de Guerra 405, em 1936, sob a instrução do então sargento José Egídio Fernandes, mais conhecido (e chamado) de sargento Porteira. Num exercício de ordem unida, na rua Afonso Pena, fazia-me de engraçado, balançando o fuzil para um lado e outro e, súbito, a voz de comando: “Alto!” Parada a escola, ele veio direto a mim e foi dizendo:

- Dezenove - era este o meu número -, você vai precisar do certificado, ou não vai?

Balancei a cabeça, para dizer sim.

E ele.

- Então conserta o corpo, porque senão você será excluído, agora. Assim, aprendi o que era o dever.

Reporto-me, novamente, ao professor Argemiro, na sua alusão sobre “O mundo e o circo”, segundo aquela sua concepção.

Sem querer atingir ninguém, em particular, mas à sociedade, nos seus pontos nevrálgicos, tentarei fazer um pequeno ensaio, abordando, como tema, a segunda lição, mas peço desculpas aos meus colegas acadêmicos, pela forma algo jocosa com que vou expor minha idéia.

Imaginemos um circo e alguns artistas: o trapezista, o equilibrista, o mágico e o palhaço.

O trapezista, balançando nas alturas, pra lá e pra cá, em movimentos dos mais arriscados, pode ser comparado ao operário, que tem de viver com o salário mínimo, oscilando, angustiado, em meio à falta de dinheiro, em total desequilíbrio, sujeito, toda hora, a uma queda fatal, das alturas do custo de vida.

O equilibrista, este que, andando no arame, faz proezas mil, lembramos aquele trabalhador cujo salário é maior do que o mínimo, mas que se torna também insuficiente, face aos encargos familiares que cresceram, acompanhando o seu melhor poder aquisitivo, transformando-o em escravo da busca de um eterno equilíbrio da receita e despesa, dançando

na corda bamba.

O mágico, na variedade do seu repertório, entre outras habilidades, cospe fogo e engole espada. Podemos compará-lo àquela pessoa economicamente bem situada na vida, que, por problemas diversos, não consegue evitar a derrocada do seu lar e do seu padrão de vida e, para manter o status e a aparência social, tem de cuspir fogo e engolir espada, a fim de manter uma vida de ficção.

O palhaço é, na maioria das vezes, a própria alma do circo, o rei do circo, por assim dizer, mas esconde, no eterno e profissional sorriso, lágrimas contidas num segredo mudo, particular e intocável.

Por que não compará-lo a milhões de seres humanos, que ganham salário mínimo, os remediados, os ricos e os milionários? Todos, enfim, de qualquer camada social, que, presos atrás de suas máscaras de sorrisos fictícios, escondem dores cruéis, que atingem pobres e potentes, indistintamente, como que obedecendo a um comando maior, do alto, que ordena equanimidade, indiscriminada na dor.

Estava certo o saudoso professor Argemiro. O mundo é um circo... E o circo? É o mundo de quase todos nós.

E é no picadeiro deste circo que também os poetas e escritores escondem suas mágoas e fingem ser felizes, para alegrar as pessoas. Também estava certo o grande poeta português Fernando Pessoa, quando falou, em versos, que

*“O poeta é um fingidor,
Finge tão completamente
que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente...”*

Já o professor Alberto Libânio disse que as pessoas comuns têm os pés na terra e os poetas a cabeça no céu.

O que sei, senhores, é que vale a pena sonhar nos versos e viajar nas asas da literatura, com a cabeça e o corpo nas nuvens, bem longe deste mundo insensato, que, sem o lirismo dos poetas e dos escritores, seria muito mais estéril, frio, seco e duro.

A Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, como muito bem disse o professor Alberto Libânio, é a grande responsável pelo Renascimento Literário da nossa cidade, sobretudo porque veio e vem descobrindo novos talentos, entre os quais imerecidamente me incluo, mas no meio deles espero, merecidamente, poder permanecer, porque, para tanto, não me faltarão persistência, compreensão e dever.

Muito obrigado!

Saudação a Victor Menezes de Faria pela acadêmica Avelina Noronha de Almeida

ESSÊNCIA E FORMA

*Pressinto as idéias
crianças febris
agitando-se em meu cérebro*

*Sentimentos voejam inquietos
pássaros revolteando
num céu estremecido*

*Busco a palavra justa
a expressão cartesianamente
correta*

*o contorno cintilante
de estrelada jóia
a mensagem profunda
da emoção sincera
a frase elegante e rara*

*junção perfeita
de signos
que se insinuam
e se articulam
expandem-se
rompem as amarras
da clausura*

*mas – ai de mim! –
concretizam-se na expressão imperfeita
vinho divino
empobrecido
em toco vaso de barro*

É assim que me sinto, num momento em que vou, numa metalinguagem, discorrer sobre as palavras, cuja enunciação é um dom especial com que Deus brindou a sua criação suprema – o ser humano.

Palavras que se uniram na comunicação entre os seres, iluminando-os na aventura através dos caminhos da civilização.

Palavras que confundiram os homens orgulhosos na Torre de Babel e fizeram com que se dispersassem pelos confins da Terra. Palavras de ameaça e de fúria, afastando as almas ou matando como adagas.

Quantas vezes símbolo de prepotência, anúncio de catástrofes, condução ao cadafalso, veículo do Mal. Ou traindo, humilhando, torturando..

Palavras que esclarecem, ensinam, acariciam, consolam.

Que atingiram a lua: “Este é um pequeno passo para o homem, um salto para a Humanidade”.

Fortes na volúpia de um verso, na força de uma ordem, na virulência de uma mentira.

Fracas nos queixumes, doces na declaração de amor.

Que se evolvam ao céu como preces, ou se espalham pela terra como bênçãos.

Perde-se em épocas longínquas a gênese do culto à palavra em forma de associações e academias. E, nesse processo cultural, na corrente dos séculos, engata-se a Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, cultora da palavra sábia e da palavra bela, que hoje aqui está reunida festivamente, prestigiada com a presença de tantas pessoas amigas.

Após este preâmbulo, iremos focalizar, para tão nobre platéia, acadêmicos e não acadêmicos, palavras que, de modo especial, referem-se a importante membro de nossa sociedade e, na união das letras, formam um nome, identificação pessoal que foi dada a uma criança nascida a 14 de junho de 1919, na então Queluz de Minas, por seus pais “Seu Candinho” (Cândido Faria) e sua mãe “D Merênciã” (Emerenciana Meneses de Faria): VICTOR MENEZES DE FARIA.

Tentemos um pequeno ensaio, um retrospecto entre ficcional e histórico, sobre as palavras que, pela vida afora, a ele se associem, ou que tenha pronunciado o ilustre personagem, a qual tenho a honra de, nesta solenidade, recepcionar como membro efetivo de nosso já tão conceituado sodalício.

Dos primeiros balbucios, dos iniciais vocábulos, da complexa conquista e do domínio da linguagem pode-se apenas supor o que é comum às crianças em cada idade. Mas, num esforço de imaginação, quase podemos ouvi-lo a gritar, despencando-se em correrias infantis no Beco do Lalão, ou nas brincadeiras de pique nos “Quatro Cantos” (Horácio de Queiroz), ou na “Rua de Baixo” (Tavares de Melo). Também não é difícil imaginar as falas de menino curioso quando chegavam os carros de boi carregados de cereais e lenha e entravam pelo grande portão de madeira do casarão do Comendador Lalão. Ou o encantamento próprio dos garotos nos festejos da Semana Santa, do Natal e de outras comemorações tradicionais daquele tempo (tão pitorescas e, muita vez, divertidas). Talvez ouvi-lo numa das aulas de D. Zezé Baêta (de quem foi aluno no Grupo Escolar “Domingos Bebiano”), nas lições do professor Argemiro Gonzaga (mestre de conhecimentos e de vida no antigo “Ginásio Queluziano”) ou nas instruções do sargento Porteira no Tiro de Guerra 405.

Quantos vocábulos proferidos atrás do balcão da vendinha de secos e molhados, que se tornaram mais sérios, mais refletidos e muitas vez até cansados na pesada faina da Central do Brasil!...

Mas a palavra forte mesmo veio quando, no dramático período que viveu a Humanidade, a Segunda Guerra Mundial, Victor Menezes de Faria respondeu “SIM!” ao chamado da Pátria para, em campos da Europa, junto com um grande número de lafaietenses, defender nossos ideais de Soberania

e Liberdade. Foi convocado para o serviço ativo do exército, em preparativos para a guerra, embarcando para o front no dia 22/09/44, no 2º Escalão da FEB. Tomou parte, como sargento, nas batalhas de Monte Castelo, Castelnuovo, Montese e outras. Diz Victor Hugo que os grandes precipícios revelam as grandes sublimidades. Aquele momento conturbado, o abismo profundo do terrível confronto entre aliados e nazistas revelou a grandeza do patriotismo que sublima a alma do nosso povo. Assim como ecoou “Independência ou Morte!” nas colinas do Ipiranga, esse brado esteve presente no coração do Expedicionário Lafaietense nas duras arrancadas nos montes da velha Itália, enfrentando a fúria brutal dos canhões, torpedos, a mortífera metralha, as minas traçoceiras, o frio das geleiras, o suplício das trincheiras.

Virou-se a página da História e o nosso homenageado voltou com outros, participando do triunfal Desfile da Vitória, na Avenida Presidente Vargas, em outubro de 1945, e, ao desembarcar em Conselheiro Lafaiete trazia o seu quinhão de glória para a nossa cidade, tendo sido agraciado com as medalhas “De Campanha”, “De Guerra” e a “Cruz de Combate”.

Lembram-se muitos das reuniões de pós-guerra, realizadas pelos ex-combatentes e suas famílias, logo após o glorioso retorno. E lembram-se também do sucesso que fez o Victor, com sua bela voz, cantando aquela canção da namorada do soldado alemão adotada pelo inglês, pelo americano e por soldados de várias raças e adaptada, também, pelo soldado brasileiro:

LILI MARLENE

*Sob a metralha, dentro das trincheiras
Em pleno “black-out” eu ouvi, noites inteiras,
Uma canção no céu vibrar.
Era o inimigo a recordar
A ti, Lili Marlene,
A ti. Lili Marlene.*

*No meu violão plangente ficava
A canção que diz quanto és doce para amar
E palpitou meu coração
Pela pequena do alemão
Por ti, Lili Marlene
Por ti, Lili Marlene.*

E, depois de outras estrofes, a canção termina de maneira tão característica de nossa cultura:

*Mas um outro amor terei longe da guerra
Nos campos em flor, nas coxilhas ou na serra.
Nada faz bem ao coração*

*Como o luar lá do sertão
Sem ti, Lili Marlene,
Sem ti, Lili Marlene.*

Nova etapa. Tempos de Paz. E o nosso herói de guerra continuou sua luta, uma nova luta, no chão amigo da Terra Natal, dizendo “PRESENTE” a todo chamado de participação nos diversos setores da vida em Comunidade, sempre entusiasmado, envolvido, responsável. Integrante de conjunto musical, de diretorias de diversos clubes sociais, entidades beneficentes e agremiações esportivas. É um dos sócios fundadores da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil e o atual presidente – com muita competência e dinamismo – da seção de Lafaiete.

E aquele que escreveu uma parte da História Mundial com o brio de sua luta também escreve páginas da História da Literatura Lafaietense através da beleza e da força de sua obra literária, tendo trabalhos publicados nas antologias “Poetas Queluzianos e Lafaietenses”, “Agenda Santo Antônio de Queluz” e “Lafaiete em Prosa e Verso III, IV e V”, estando na última este belo soneto:

PRIMOGÊNITO

De passagem já falei no primogênito
De grande luta tão aflita, uma epopéia
A mãe em dores, sem esperança e num grito!
Não posso mais... É o fim da minha estréia.

O pai em pranto, sem lágrima, mas distinto
Será, meu Deus? Neste quarto, como platéia
Uma mãe chorando a filha, em frêmito
E a assistente consolando... dor e alegria se entremeiam

Mas chame o médico, eu... sei menos do que isto
Sai o pai e busca a medicina, certa, mas atéia
Antes faz uma prece em silêncio ao infinito...

E Deus! Ouvindo-o e ao choro em coro... O que é isso?
Não tendes fé? Além é a vida...Eu comando. Eia!
E o doutor num esforço fez a luz... do Pai, um instrumento.

Dizia Pierre de Coubertin: “O que importa na vida não é tanto o triunfo, mas o combate; o essencial não é ter vencido, mas ter lutado bem”. VICTOR, é uma pessoa privilegiada, pois reúne em sua vida a luta e a vitória. Lutou através das armas na guerra e venceu. Lutou e luta pelo trabalho e participação no meio em que vive e tem o reconhecimento e o respeito das pessoas que o conhecem. Lutou e luta nas lides literárias com sucesso e hoje, ao se empossar na Academia de Ciências e Letras é, mais uma vez, VICTOR, DO LATIM, O VENCEDOR.

Discurso de posse do acadêmico Artur Laízo



Exmo. Sr. Alberto Libânio Rodrigues, presidente da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayettte, autoridades ilustres presentes, demais acadêmicos, senhoras, senhores, meus amigos.

Acredito muito que possa comparar a minha vida a filmes de Hollywood, e cada situação como esta seja receber um Oscar. Não tenho palavras para expressar a minha alegria em ocupar uma cadeira, nesta Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette. O reconhecimento de um trabalho que começou na infância, ainda mais na Terra Natal, é imenso!

Escrever para mim, senhores, é talvez como respirar: - é vital! Comecei a brincar com as palavras muito pequeno e desde então, almejava divulgar o que escrevo. Não busco criar nenhum Best Seller, escrevo meus livros usando o que tenho de maior em mim: o coração e o amor!

Amo intensamente tudo e todos ao meu redor e se não fosse por amor, que é o sentimento que nos impele à vida e é o sentimento que mais nos faz sofrer, eu jamais seria poeta, jamais contaria histórias...

Como disse Érico Veríssimo, criamos nossos personagens que vão tomando o leme da história e fogem até mesmo do poder do Criador. E este pai, este criador de personagens, se não os ama, deixará de escrever e a vida de vários João, Maria, José vai ficar inacabada, vai deixar de ter um fim, maravilhoso ou não. Dinah Silveira de Queirós nos disse ainda, que nós escritores somente escrevemos para ver o fim das nossas estórias. A nossa curiosidade em terminar o livro é que nos faz ir até o fim.

Nada melhor para um escritor que estar recebendo esta homenagem, este prêmio maior que é o de ocupar uma cadeira em uma Academia de Letras.

Senhores, a Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette é uma das coisas mais importantes que aconteceram na minha

vida literária. Saber que existe nesta cidade que cresce a cada dia um movimento literário de tal vulto é reconhecer que Lafaiete cada vez mais desenvolve sua cultura, cresce não só em tamanho, mas cresce na própria alma. A alma da cidade é mais nobre, desde a criação desta academia. É através dela que podemos dizer ao país, porque não ao mundo, que aqui vive um povo que não só passa pela história, mas que aqui vive um povo que faz a história. Espero que, mais vezes possamos descobrir novos escritores, novos poetas, novos cronistas, novelistas, nesta terra tão próspera.

E a história da cidade, senhores, só vem se impondo através de lutas muito árduas de pessoas como o escritor e teatrólogo Paulo Roberto Antunes, do jornalista Gilberto Vitorino de Souza, do professor Alberto Libânio Rodrigues entre outros e dos professores de nossos colégios que primaram pela nossa formação como a minha querida Didi Ramos, com a qual descobri o mundo. Não fossem estas pessoas dentre tantas outras lutadoras, não teríamos agora esta festa que a academia pode nos oferecer.

Hoje, temos na cidade faculdades, conservatório de música, cursos de língua, academias de ginástica, dança, escolas voltadas para uma formação melhor do aluno, coisas que não pude desfrutar no tempo em que vivia aqui. Reforço que somente com a luta desta população tudo isto foi desenvolvido e implantado em vinte anos.

Falo do conservatório de música. Não posso deixar de dizer aqui o quanto fiquei feliz quando vi a sua implantação na Praça da Matriz. Acredito que não possamos viver sem música. Melhor seria se tivéssemos fundo musical nas nossas vidas o que infelizmente é impossível.

Mas falo de música, porque amo a música. Admiro quem possa fazer deste ou daquele som uma sinfonia, uma balada, um rock. Acho uma coisa divina! E como amo a música, outro não poderia ser meu patrono que o maestro José Maria da Rocha Ferreira. O maestro que foi ainda professor, pianista, organista, crítico literário, escritor, poeta e compositor, nasceu em Gagé. Estudou Direito, Pedagogia e Filosofia através da Universidade de Pelotas -RS e criou e dirigiu diversos corais salesianos, dirigiu o coral do Santuário de Sagrado Coração de Jesus de São Paulo, fundou e dirigiu a Orquestra Francisco Braga em Bagé- RS, entre outras. Sua obra erudita é conhecida internacionalmente e várias de suas peças são executadas por orquestras de diversos países.

A música, senhores, é a complementação da nossa existência. Até no ato de falarmos estamos fazendo música. Como nos soa como música um “eu te amo”, ou um “estou com tanta saudade”... Sem a música, sem as palavras, sem a escrita, o que seríamos? Seres inaptos à vida, seres esquecíveis no tempo. Sim, porque o tempo passa, o tempo apaga tudo, o tempo somente não apaga aquilo que deixamos registrado

em palavras escritas. Não tosse a escrita não conheceríamos Platão, Sócrates, Homero, Virgílio, Dante Alighieri, Camões, Petrarca, Gabriele D'Annunzio, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Alber Camus, Érico Veríssimo, Paulo Roberto Antunes, Jorge Amado, Machado de Assis, Gilberto Vitorino, Manuel Bandeira, Danusa Leão, Alberto Libânio Rodrigues, João Ubaldo Ribeiro, Cecília Meireles, dentre tantos outros escritores importantes para a formação da nossa vida, para a formação da vida de nossos filhos e netos.

Termino senhores, agradecendo a meus pais que me permitiram ler, estudar, escrever, agradeço à minha família maravilhosa, aos meus amigos, agradeço, especialmente, a minha amiga Lourdinha Barbosa que tanto empenho teve para divulgar-me aqui, e agradeço a Deus o dom divino de escrever. Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, posso dizer que, quando nasci Deus disse: "Vai, Artur, vai ser poeta na vida"!

Que Deus permita que continuemos, por algum tempo ainda, e que outros tantos nos sucedam.

Obrigado.



Artur Laízo, acompanhado do casal Alberto Libânio/Cleonice, no Coquetel na Câmara Municipal de Conselheiro Lafaiete, em ocasião de sua posse na ACLCL, em 1º/07/2000

Saudação a Artur Laízo pelo médico e acadêmico Elias de Lima

*Exmo. Sr. Presidente da Academia de Ciências e Letras de
Conselheiro Lafaiete,*

*Dignos componentes da Mesa Diretora,
Sr. Francisco Wenceslau Ferreira, presidente da Câmara
Municipal,*

*Prof. Alberto Libânio Rodrigues,
Sras. e Srs.:*

Quis o destino que a mim coubesse a honra de saudar o colega dr. Artur Laízo como Membro-Efetivo de nossa Academia, para ocupar a cadeira 47, cujo patrono é o maestro José Maria da Rocha Ferreira.

Quis o acaso que eu, o assemelhado na profissão, na origem natal, no berço de pai ferroviário, e mãe, também doméstica, desse as boas-vindas ao novel membro desta Casa.

Quis Deus que no Hospital Nossa Senhora do Carmo, na manhã de oito de novembro, mais precisamente às 10 horas, chegasse ao nosso mundo, em Conselheiro Lafaiete, "uma criança do sexo masculino à qual deram o nome de Artur Laízo, que não é gêmeo, nem tem outro irmão com igual nome, filho legítimo de Ercy Laízo, ferroviário, e de sua mulher, Almerinda Torres Laízo, doméstica, etc.... Razão do nome: homenagem à memória do avô paterno de igual nome. Este o teor do registro anotado no dia quatorze, que o fez filho desta cidade.

Assim, como pelo nome honra a memória do avô, pelo desempenho profissional e qualidades pessoais dignifica a nossa cidade, e temos certeza de que sua admissão enobrece mais ainda a nossa Academia.

Artur Laízo consegue conjugar a alma de Poeta e Escritor com o gesto médico que nem sempre cura, mas inúmeras vezes melhora e sempre consola. Buscando, pela compaixão amenizar a dor alheia, tornou-se médico pela Faculdade de Medicina da Universidade de Juiz de Fora, onde goza da estima e amizade dos que o conhecem como pessoa e profissional dedicado.

Por que me atrevo a fazer estas afirmativas, se só na tarde de hoje, o conheço pessoalmente? De onde recolho argumentos para embasar tais afirmativas? De um aforismo que diz ser a obra o retrato do autor. Lendo sua terceira obra "É Difícil Morrer - de 1999" - deduzimos que só alguém sensível às dores humanas e movido por uma grande

compaixão entende e descreve sem radicalizar, sem desprezar, quem sofre e quem faz outrem sofrer. Ser assim é ter alma de poeta e como tal se anuncia na sua primeira obra "Coisas da Noite", de 1997.

Como o médico retrata, poeticamente, os seus personagens? Usando sua sensibilidade, aliada à inteligência que percebe no outro a imagem especular de si mesmo. Assim, não cabem julgamentos, não há lugar para preconceitos, não há espaço para a hipocrisia. Com sinceridade, o colega Artur Laízo vai pintando seus personagens, expressando um pouco de sua alma, como um holograma menor da alma da humanidade inteira. Nos seus livros há um espaço imenso para compaixão que é a síntese dialética entre o "eu e o outro eu".

Como são os seus personagens? São eles assemelhados a todos nós, feitos da mesma argila, forjados no mesmo cadinho da existência, sob o fogo duma mesma única dor, a dor de ser só, mesmo que todas as evidências teimem em mostrar o contrário!

Seus personagens têm um propósito, uma missão, um destino? Talvez, dirão os existencialistas; certamente, hão de afirmar os defensores da palingênese. Porém, se ajustarmos nossa visão, não poderemos nunca negar o momento, o instante, o agora, cheio de significado para o poeta, escritor e para o ator. No agora está a síntese entre o que foi e o que ainda não é. No agora temos o paradoxo do que já não é, coexistindo com o que, e ainda será. Daí a dúvida e o tormento diante das alternativas: garantir o futuro ou usufruir o presente? Fidelidade à consciência ou acomodação à maré dos costumes? devo ser? ou parecer?

Qual o propósito do escritor? Será só mostrar, escrever, pintar a dor pela dor? Não! É seu ofício, através da dor alheia, despertar nossa própria dor, aplicando psico-socialmente, o princípio homeopático da cura pelos semelhantes: só uma dor pode curar a uma outra dor. Assim trabalha o poeta: expressando a sensibilidade, descreve a dor infinita, companheira da compaixão sem fim.

Que seja bem-vindo entre nós o colega Dr. Artur Laízo! Que duradoura e rica seja sua obra de médico e escritor são os votos de nossa Academia!

Conselheiro Lafaiete – 1º/07/00

Discurso de saudação aos empossados pelo acadêmico Wilson Baêta de Assis

SENHORAS E SENHORES:

Minha primeira palavra neste momento tão significativo para as letras é de júbilo e congratulação.

A primeira eu me dirijo ao ilustre presidente da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, professor Alberto Libânio Rodrigues, pela grande honraria recebida, ao ensejo das festividades comemorativas da Inconfidência.

Evidentemente que, como colega e acadêmico, já o fiz, associando-me à sua justa alegria, oportunidade em que meu gesto se irmanava também à justiça da indicação de seu nome. Porém, como Diretor de Cultura, o faço agora, em nome do município.

É gratificante, é honroso para todos nós contemplar-mos sua pessoa, merecidamente agraciada com essa láurea, sem dúvida, uma das mais importantes do Estado.

Nosso júbilo mais se agiganta, na proporção da grandeza do nome de Vivaldi Moreira, que o indicara, e, a quem rendemos, outrossim, o nosso tributo, como sendo figura exponencial no mundo literário, escritor e presidente da Academia Mineira de Letras.

Sua honrosa indicação, meu caro presidente, é o reconhecimento de seu talento desabrochando numa vida operante, inteiramente devotada ao interesse maior das artes.

Para nossa Academia, é a configuração daquilo que ela representa desde sua fundação, a coluna dorsal de nossa cultura, efetivamente contribuindo e enaltecendo o nome de nossa querida Conselheiro Lafaiete, inserindo-a no universo do contexto histórico e cultural.

Assim, é nosso desejo, com estas palavras, estendendo-as e rendendo justa homenagem à colega acadêmica, deputada Elaine Matozinhos, assim como ao deputado estadual, José Milton de Carvalho que, na oportunidade, compartilharam com igual justiça a mesma comenda. Juntos, somam, elevando mais ainda o nome de nossa academia e do nosso município.

Meu segundo júbilo é poder, desta tribuna, saudar, em nome da cultura, os novos acadêmicos que, a partir de agora, se adentram em nosso cenáculo, o médico Artur Laízo, e o expedicionário, Victor Menezes de Faria, valores que se incorporam às nossas fileiras.

Desejamos ao médico Artur Laízo, que, com o mesmo empenho,

com a mesma garra devotada à causa da medicina, seja também sua bandeira e o norte de uma causa não menos grandiosa o mundo maravilhoso das letras, onde o real e o irreal, o finito e o infinito caminham harmoniosamente.

O companheiro Victor Menezes, herói da Força Expedicionária Brasileira, que convocado, atendeu ao chamado da Pátria. No teatro de operações, defendeu-a varonilmente honrando a tradição do soldado brasileiro.

Prezado companheiro,

Receba, neste primeiro momento, o nosso reconhecimento pelo seu passado heróico. Ao vê-lo hoje, vivendo a plenitude da paz conseguida a duras penas, e, tendo já ensarilhado as armas daquele combate, nossa Academia de Letras, como se fora novamente a Pátria, de novo o convoca para uma nova luta.

Perfílhe-se, empunhe, com galhardia, a mais poderosa das armas, a pena inspirada do poeta, assim como de todos quantos verdadeiramente amam as letras.

Venham pois para o meio, meus caros companheiros, que o estro de suas inspirações seja arma poderosa nesta nova peleja, e que os projéteis sibilantes sejam rimas em profusão.

Destarte, ficará para as gerações futuras, gravado no livro de "Atos" dos apóstolos da cultura, página memorável de beleza e talento.

Nossa convicção é que ambos saberão usar este dom inefável de Deus, que é o manuseio da pena, que por sua vez no ajuntamento das letras forma palavras, e, estas, frases, crônicas, poemas, discursos, todos trazendo no bojo a efetiva esperança da paz duradoura e constante.

Em nome da cultura e do município que aqui represento, no de meus colegas acadêmicos e no meu próprio, convido-os a se adentrarem em nosso sodalício, e, cerrarem fileiras conosco nesse valoroso exército dos guardiões do mais belo dos idiomas.

RESULTADOS DO CONCURSO LITERÁRIO PRÊMIO CIDADE DE CONSELHEIRO LAFAIETE - 1999

Os romances classificados foram: 1º lugar, com 27 pontos, "Enquanto Seu Lobo Não Vem", acadêmico Aluísio Santiago Campos Jr. (pseudônimo Cardoso Pereira), de Belo Horizonte; 2º lugar, "Pesadelo Verde", 24 pontos, de Ricardo de Campos Ferraz, Caçapava/SP (Tonico Alferes); 3º lugar, "Implosão", com 23 pontos, de Thereza Freire Vieira (Inazah) de Taubaté/SP; 4º lugar, "Só Queria Um Trabalho", com 22,5 pontos, de João de Carvalho (Tristão), de São Paulo/SP; 5º lugar, "Nove, Nove Fora: Nada", com 21,5 pontos de Ângela Togeiro Ferreira (Camila Kids).

A categoria Crônica teve o resultado seguinte: 1º lugar, com empate entre cinco concorrentes, que obtiveram 28 pontos: "Sinfonia in Corpus", de José Carlos da Silva (Rubem), Uberlândia/MG; "Uma Idiossincrasia para o Alcaide", de Samir Thomaz, de São Paulo/SP (Bento Zabumba); "Transmutação", de Maria Guilhermina Kolimbrowsky (Lyad), de São Paulo/SP; "O Impasse Escolar", de Cândida Maria de Lima Papini (Lira do Vale), Bragança Paulista/SP; "Ainda Há Tempo Para Sonhar", de Arita Damasceno Pettená (Lual), Campinas/SP. Em 2º lugar, com 27,5 pontos, ficaram empatados quatro concorrentes: "Meia Hora", de Ernane Reis Gonçalves (Faene), Belo Horizonte; "Quase Réquiem Para a MPB", de Samir Thomaz, São Paulo/SP; "Pictórias Imagens do Óxido e Sangue", de Carlos Alberto Pessoa Rosa (Vértice), Atibaia/SP; "A Arte de Saber Viver, de Arita Damasceno Pettená (Lual), Campinas/SP; 3º lugar: "Amor Virtual", com 27 pontos, de Maria Guilhermina Kolimbrowsky (Lyad), São Paulo/SP; "Pequeno Caso Urbano", de José Carlos da Silva (Rubem), de Uberlândia/MG. 4º lugar, "Crônica da Saudade", 26,5 pontos, de Marina Biagioni Marques (Sicília), de Conselheiro Lafaiete/MG; "O Canto do Sabiá", José de Assis Silva, Belo Horizonte/MG; "O Estado - Essa Máquina Emperrada", Ernane Reis Gonçalves (Faene), Belo Horizonte/MG e "Lá Fora é Primavera", Arita Damasceno Pettená (Lual), Campinas/SP; 5º lugar, ainda com empate, 26 pontos: "Filho da Mãe", de Ernane Reis Gonçalves (Faene), Belo Horizonte/MG; "A Terceira Floração", de Marina Biagioni Marques (Sicília), Conselheiro Lafaiete/MG; "Invisível Esperma a Escorrer no Terreno Virtual do Observador", de Carlos Alberto Pessoa Rosa, Atibaia/SP; 6º lugar, com 25,5 pontos, "O Pássaro de Metal" (Dalva); 7º lugar, com 25 pontos, "A Visita" (Giovanni Russo); 8º lugar empatados: "Um

Tipo Especial" (Eliséia Pegut); "Visão de Rodoviária" (Mareluz); "Tempo Novo" (Arauto do Tempo Novo); 9º lugar com 24 pontos, "As Cem Luas de Grimpas" (João José); "A Rosa de Jericó" (Maria Bernadete); "O Amor" (Riobaldo); "Apelidos" (Spartacus II) José de Assis Silva; 10º lugar, 23,5 pontos, "O Brasil de Hoje" (Passageiro); "Disponibilidade dos Sexos" (Augusto Sinceri); "Brasileira" (Trovão Profético); "A Imprensa dos Meus Sonhos (Aterro de Quintal); "Os Anjos (Mareluz); "Tango Tropical" (Riobaldo). De 6º a 10º, falta identificar os nomes e as cidades de origem.

Categoria Crônica - Prêmio Especial (trabalhos que se referem a Conselheiro Lafaiete): 1º lugar, com 27 pontos, "O Colar", acadêmica Marina Biagioni Marques, C. Lafaiete; 2º lugar, 25 pontos, "Retorno", acadêmico Carlos Reinaldo de Souza, Conselheiro Lafaiete; 3º lugar, 27 pontos, "Lafaiete ou Queluz de Minas", 20 pontos, acadêmico Gilberto Victorino de Souza (Spartacus), também de Conselheiro Lafaiete.

Categoria Poesia - Prêmio Especial (trabalhos que versam sobre Conselheiro Lafaiete): 1º lugar, "Lafaiete", 25,5 pontos, de Clarissa Marina Biagioni Silveira (Clarinha), Belo Horizonte/MG; 2º lugar, "O Índio Carijó", Martha Faria Fernandes (Amarílis), com 24 pontos, C. Lafaiete; 3º lugar, "Trovas para Lafaiete", de Ernane Reis Gonçalves, Belo Horizonte, 23 pontos; 4º lugar, empate com 21 pontos: "Queluz dos Meus Amores", Maria Deitzel Martelo (Saudosa de Ti), Ponta Grossa/PR e "Declaração de Amor", de Kelly Juliane Dutra (Anjo da Lua), Conselheiro Lafaiete; 5º lugar, "A Senhora da Conceição - Padroeira do Município de Conselheiro Lafaiete", acadêmica Leila Maria Silva Barbosa (Tháís), 19 pontos, Conselheiro Lafaiete.

O resultado geral da categoria Poesia ficou assim: 1º lugar com 27,5 pontos, "Mestre Aurélio", Marina Biagioni Marques (Sicília), Conselheiro Lafaiete/MG; 2º lugar, 26 pontos, "Sublimação", Iná de Fátima Araújo Siqueira (Pilar), Baependi/MG; 3º lugar, empate com 25 pontos: "Um Dia", Virgínia Aparecida de Oliveira (Cora de Castro), Indaiatuba/SP; "Brasil, Brasileiro", Aníbal Albuquerque (M. Huay), Varginha/MG; 4º lugar, empate com 24,5 pontos, "Fugaz Desilusão do Poeta", Clarissa Marina Biagioni (Clarinha), de Belo Horizonte/MG; "Predestinação", Alydio de Carvalho e Silva (Sabiá da Praia), Belo Horizonte/MG; 5º lugar, 24 pontos, "Opções", Maria Guilhermina Kolimbrowsky (Lyad), São Paulo/SP; 6º lugar, "Pai Palavra - José Narciso Bedran (Cláudio Lemos)", 23,5 pontos, Belo Horizonte; 7º lugar, empate com 23 pontos, Diálogo Fabuloso de Alydio de Carvalho e Silva; "Laços Desfeitos", de Miguel Russowsky (Soturno), Joaçaba/SC; 8º lugar, empate, 22,5 pontos, "Leitura", Maria Guilhermina Kolimbrowsky, "Decidida", de Ana Cecília

Ferri Soares (Aura), São Paulo/SP; 9º lugar, empate, com 22 pontos, "Algumas Definições de Minas", de Danilo dos Santos Pereira (Marechal Floriano), Belo Horizonte/MG; "Novo Mundo", de Maria Guilhermina Kolimbrowsky; "Nau Capitânea", de Terezinha de Arruda Mello (Jade), Fartura/SP; "O Encontro das Águas", de Érika Borges Carvalho (Bella Sanchez), Guaratinguetá/SP; "Sinfonia Melancólica Sobre Si", de Miguel Russowsky; 10º lugar, empate com 21,5 pontos, "Entrega" de Virgínia aparecida de Oliveira (Cora de Castro) Indaiatuba/SP; "Corte Poético", de Beldia Cagnoni Balestra (Andrelly de Vinny), Mococa/SP.

Os Contos ficaram assim classificados: 1º lugar, 29,7 pontos, "A Fruição das Luzes", José Humberto S. Henriques (João José), Uberaba/MG; 2º lugar, 28,3 pontos, "Varredura da Anatomia Trouxe o Desejo da Carne", Carlos Alberto Pessoa Rosa (Bion), Atibaia/SP; 3º lugar, 28 pontos, "F", de Sílvia Eliana Ferreira de Moura (Sissi Queiróz Telles), Freguesia do Ó/SP; 4º lugar, 27,1 pontos, "Cena Perdida" (Cláudio Lemos), José Narciso Bedran, de BH; 5º lugar, 27 pontos, "Bar Budo", Ernane Gonçalves (Faene), Belo Horizonte/MG; 6º lugar, 26,6 pontos, "Presente de Natal" Abel Lara (Cor Amoris), Belo Horizonte/MG; 7º lugar, 26,5 pontos, "Bunito Nada, Bondade da Senhora", Relva do Egypto Rezende Silveira (Neomênia), Belo Horizonte/MG; 8º lugar, 26,4 pontos, "Troca de Corpo", José Fleming (Zir), Conceição do Rio Verde/MG; 9º lugar, 26,3 pontos, "Envelope em Rosa", Sílvia Eliana Ferreira de Moura (Sissi Queiróz Telles), Freguesia do Ó/SP; 10º lugar, 26,2 pontos, "O Homem que Via a Neve Caindo, Caindo sem Parar", Fernando Pires de Moraes (Caravadossi), Belo Horizonte/MG, que empatou com "O Trem", Hugo Gonçalves Roma (Passageiro), Rio de Janeiro/RJ.

CONCURSO LITERÁRIO INTERNACIONAL PRÊMIO CIDADE DE CONSELHEIRO LAFAIETE/2001

Estarão abertas até 1º de agosto, as inscrições para o Concurso Literário Internacional Prêmio Cidade de Conselheiro Lafaiete, para o ano 2001, prevalecendo a maior parte dos critérios dos anos anteriores. É o que relata o presidente da ACLCL, que acrescenta a informação de que fica mantida a substituição dos troféus por medalhas e diplomas. A pontuação dos trabalhos pela comissão julgadora foi modificada para 10 (dez) a 100(cem), em vez de 5 a 10, como antes, isso, para tentar evitar-se o grande número de empates que tem ocorrido. O Concurso, que era de âmbito nacional, passa, doravante, a contemplar também os concorrentes de todos países de Língua Portuguesa. O concurso, em 2001, rege-se-á pelas cláusulas e condições seguintes:

Primeira - As inscrições têm início em 1º de janeiro, com término em 1º de agosto de 2001 e poderão ser feitas na Casa de Cultura de Lafaiete, na Rua Comendador Baêta Neves, 68, ou pelos Correios. O CEP é 36400-000.

Segunda - Poderão participar deste concurso os membros da ACLCL - que estejam em dia com suas obrigações sociais -, bem como poetas e escritores de qualquer parte do Brasil e dos países de Língua Portuguesa, com até três trabalhos em cada categoria;

§ único - Os membros da ACLCL deverão anexar ao envelope contendo a ficha de identificação, a xerox do comprovante do pagamento da mensalidade referente ao mês da inscrição.

Terceira - Serão quatro as categorias de trabalho concorrentes: Romance (com o mínimo de 48 laudas formato A-4, em corpo 12); conto, crônica e poema,

os três últimos sem espaço determinado;

Quarta - Todos os classificados nas quatro categorias até o décimo lugar receberão diplomas de participação; os classificados até o terceiro lugar, em cada categoria, farão jus também a medalhas (maiores) e, para o quarto e quinto, medalhas menores. Haverá, ainda, o prêmio especial para os trabalhos em prosa e verso

(até o terceiro lugar), que se referirem a Lafaiete;

Quinta - A solenidade de entrega dos prêmios será feita no mês de setembro de 2001, por ocasião dos aniversários da cidade e da ACLCL, em sessão solene em Conselheiro Lafaiete. Além disso, os trabalhos classificados até o terceiro lugar serão veiculados na Internet, na home-page Lafaiete Hoje, podendo ser divulgados também na Antologia Lafaiete em Prosa e Verso VII, mediante subscrição dos autores;

Sexta - Os trabalhos deverão ser remetidos em três vias, datilografados ou digitados somente na frente. Para tanto, deverá ser utilizado um envelope maior, tendo como destinatário o Concurso Literário Prêmio Cidade de Conselheiro Lafaiete. O verso do envelope será deixado em branco, sem qualquer identificação do remetente. Todas as três vias deverão conter, no alto da primeira folha, a categoria a que o trabalho concorre e o pseudônimo do autor (sem seu nome). Dentro deste envelope maior é que deverá vir um envelope menor, lacrado, contendo o pseudônimo do autor, seu nome, endereço, telefone, nomes dos trabalhos, categorias etc. Deverá ser utilizado o mesmo pseudônimo para todos os trabalhos e categorias;

Sétima - Prevalecerá a data do porte nos Correios para os trabalhos remetidos pela via postal;

Oitava - Os casos omissos serão resolvidos pela comissão organizadora do concurso e diretoria da ACLCL

Conselheiro Lafaiete, 17 de dezembro de 2000.

A dança de Isadora Duncan



Isadora foi fortemente influenciada pela cultura grega clássica. Geralmente dançava descalça, usando uma túnica solta e vaporosa. Criou uma forma individual de expressão

TRIUNFO E TRAGÉDIA NA DANÇA MODERNA

"Adieu mes amis... je vais a la gloire" (Adeus, meus amigos... vou ao encontro da glória), disse ela, aparentemente antecipando seu destino. Quando o pequeno carro esporte ganhou velocidade, sua longa e esvoaçante echarpe enrolou-se em uma das rodas, partindo-lhe o pescoço. Isadora Duncan estava morta. Foi em Nice, na França, a 14 de setembro de 1927.

Sua morte trágica e prematura - aos 49 anos apenas - foi bem representativa da carreira de uma mulher, cuja arte e estilo de vida se enquadrariam melhor em uma época mais recente. Somente a partir de sua morte é que Isadora Duncan passou a ser reconhecida como a primeira intérprete da dança moderna a elevar sua profissão ao nível de arte criadora.

Ela sabia que seus "bailados descalços" feriam as rígidas tradições da dança clássica. Seus trajes reveladores e seus freqüentes casos amorosos tornaram-na alvo das acusações do clero em três continentes. Mas sua grande paixão foi por sua arte. Esta, quando não era bem recebida, ela a levava para outro lugar onde pudesse cultivá-la. Se não houvesse feito isto, a dança moderna não teria evoluído até o ponto a que chegou hoje.

Isadora Duncan nasceu a 27 de maio de 1878, em San Francisco, a caçula de quatro irmãos. Sua mãe, musicista, e seu pai, poeta ocasional, divorciaram-se logo após seu nascimento. A família mergulhou em um período de grande pobreza. Criada dentro da realidade da música de sua mãe e ignorando a realidade da pobreza que a cercava, aos seis anos de idade Isadora formou uma pequena escola de dança para as crianças da vizinhança. Quatro anos mais tarde abandonou os estudos, para dedicar-se inteiramente à dança.

Autodidata em grande parte, mas com algumas noções de ballet clássico, com menos de 20 anos tornou-se professora de danças de salão. Ao mesmo tempo, ela e sua irmã Elizabeth vinham ensinando o que denominaram de "um novo sistema", baseado em movimentos improvisados interpretativos da poesia, música e ritmos da natureza.

Aos dezessete anos mudou-se com a família para a costa leste onde, por seu eterno desprezo pelo ballet clássico, não conseguiu grande êxito. Completamente desiludida com o teatro de dança popular, abandonou a Companhia Augustin Dale, em Nova York, onde trabalhara durante dois anos, e embarcou para a Europa, em um navio cargueiro, com sua irmã Elizabeth e seu irmão Raymond.

A arte grega em exposição em um museu em Londres, o trágico francês Mounet-Sully em Édipo Rei, em Paris, Nikisch regendo a Sétima Sinfonia de Beethoven, em Berlim, e uma visita à Grécia inspiraram Isadora a tal ponto em que 1904 abriu uma escola de dança perto de Berlim e outra, mais tarde, em Moscou. Em pouco tempo era aclamada pela crítica e pelo público por seus "bailarinos descalços".

Allan R. MacDougall, seu biógrafo, assim se expressou sobre o con-

traste entre sua dança e o ballet clássico: "para o público habituado a bailados encenados de maneira tão espetacular ainda que monótona, a visão de uma solitária estrangeira, de pés descalços, pernas nuas, corpo sem espartilho, coberto apenas por uma túnica transparente, era, de fato, chocante".

Aqueles que desejavam conferir um novo espírito ao ballet russo, foram grandemente influenciados por ela. Sergei Diaghilev assim se manifestou sobre a influência de Isadora nas criações coreográficas de Fokine, que marcaram época: "conheci Isadora em São Petersburgo e compareci, em companhia de Fokine, a seu primeiro espetáculo. Fokine ficou deslumbrado e a influência de Isadora sobre ele foi a base de toda sua criatividade... Isadora deu um impulso irreversível ao ballet clássico da Rússia Imperial".

Seus triunfos, entretanto, foram contrapostos por revezes trágicos. Em 1913, seus dois filhos, frutos de duas ligações amorosas que tivera na Europa, morreram afogados dentro de um táxi, que mergulhou no Sena, em Paris. O poeta russo Sergei Yessenin, com quem se casara em 1922, foi alvo de desprezo nos Estados Unidos, no auge do período de preocupação que se seguiu à Revolução Comunista. Ainda sob o impacto emocional causado pela perda de seus filhos, teve que enfrentar o divórcio de Yessenin e seu posterior suicídio, em 1925.

Uma América isolacionista voltou-se contra ela; atitudes puritanas em ambos os lados do Atlântico contribuíram ainda mais para enfraquecer seu corpo e seu ânimo. Como se estivesse pressentindo que seu fim estava próximo, concluiu sua derradeira criação artística pouco antes de sua morte: sua autobiografia, "Minha Vida", considerada como uma obra-prima de franqueza e sinceridade.

Durante vários anos após sua morte, permaneceu como uma figura controversa. Entretanto, vinte e cinco anos depois, os Estados Unidos e o mundo começaram a conscientizar o valor de sua contribuição para a dança. Historiadores, pesquisadores e artistas estudaram sua vida, dando origem a uma admiração por ela que dificilmente poderia ter ocorrido durante a sua existência.

O falecido dançarino e coreógrafo José Limón assim se manifestou sobre Isadora: "Antes do advento de Isadora Duncan, a dança era relegada à condição de simples divertimento. Isadora, rebelde, visionária, guerreira, transformou-a em uma arte digna de Fokine, Diaghilev, Nijinski, St. Denis, Shawn, Graham, Humphrey, Tudor, Robbins, para citar apenas alguns dos expoentes da renascença da dança que têm uma dívida para com ela, para não mencionar os pinotes, escultores, compositores e escritores que tomaram sua arte como fonte de inspiração".

As criações inovadoras da vibrante personalidade de Isadora Duncan, tais como suas interpretações da "Marselhesa", da "Marcha dos Escravos", de Tchaikowsky, e da "Marcha Fúnebre", de Chopin, desapareceram com ela. Mas sua lembrança permanece, e enriqueceu de maneira definitiva a arte da dança, mesmo o ballet, em todo o mundo ocidental.

MA/LA/ma-5/03/51